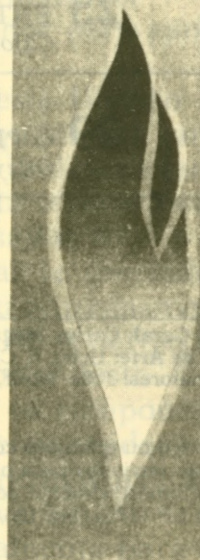


Ministério

Uma Revista Para Pastores e Obreiros

Adventista

REAVIVAMENTO E REFORMA JÁ



ARTIGOS

3 O QUE VI NA INTERAMERICANA
K. R. Wade

9 A FRASE TEOLÓGICA DE LUTERO
Loron T. Wade

12 REAVIVAMENTO E REFORMA JÁ
E. G. White

15 REMOVENDO BARREIRAS
W. J. McCall

18 EX-MEMBROS: PLANOS PARA RECONQUISTÁ-LOS
Monte Sahlin

22 COMO RENOVAR SEUS CONHECIMENTOS DE GREGO
Maylan Schurch

25 ENTREVISTAS PRÉ-NUPCIAIS
Cliford A. Reeves

29 O PROGRAMA DIÁRIO DO PASTOR
Orley M. Berg



Gerente Geral: Carlos Magalhães Borda; **Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa; **Editor:** Almir A. Fonseca;
Diretor de Arte: Urias P. Chagas; **Diagramação:** Jobson Santos; **Colaborador Especial:** Daniel Belvedere;
Colaboradores: João Wolff, Severino Bezerra, Pável Moura, Luís Nunes, Jefte de Carvalho;

Todo artigo ou qualquer correspondência para a revista O MINISTÉRIO ADVENTISTA devem ser enviados para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600 — 70279 — Brasília, DF. Editado bimestralmente pela CASA PUBLICADORA BRASILEIRA. Rodovia SP 127 — km 106 — Caixa Postal 34 — 18270 — Tatuí, SP.

O Que vi na Interamericana

Devia haver mais de 90 degraus naquela igreja. Mas o que me deixou realmente aquecido foi a excitação que se estampava na face das dezenas de jovens que se haviam reunido diante do santuário da Universidade Adventista do Haiti naquela manhã de sábado de agosto próximo passado. Aqueles jovens, procedentes das Associações e Missões de todos os recantos da Divisão Interamericana, haviam respondido ao convite do Pastor Samuel Monnier para virem à frente, caso desejassem dedicar a vida ao serviço do Senhor e se prepararem para o ministério evangélico.

O apelo parecia o clímax apropriado para a minha jornada de quatro semanas pela Divisão Interamericana. Ao longo do caminho eu havia encontrado grupos de moços e moças semelhantes cuja vida estava devotada à disseminação do evangelho, para os quais tive ocasião de falar.

Fui à Interamericana assistir a quatro reuniões do terceiro Festival de Leigos. O Departamento dos Ministérios da Igreja, sob a liderança do Pastor Sérgio Moctezuma, e a Associação Ministerial, dirigida pelo Pastor Salim Japas, respondem conjuntamente por estes festivais uma vez cada cinco anos, com a finalidade de prestigiá-los, encorajá-los e fornecer posterior treinamento às pessoas leigas e aos pastores que tenham feito o melhor para ganhar almas durante o quinquênio.

Levei na mente algumas interrogações: Como tem esta Divisão conseguido motivar estes leigos e o ministério a conquistarem tantas almas? (Seu alvo de Colheita 90 de 400 mil batismos já deverá ter sido alcançado antes que você leia este editorial.) Está o forte realce dado aos alvos de batismo levando a batismos apressados e, igualmente, a apostasias apressadas? Estão as pessoas se sentindo sobrecarregadas com os seus alvos elevados, ou o seu entusiasmo está crescendo ao sentirem a enormidade da tarefa? Há o perigo do triunfalismo que leva à ufanía? Por que tantos membros desta Divisão se dedicam à salvação de almas? São apenas os camponeses sem instrução que andam a cavalo, que estão sendo convertidos?

Na pesquisa que fiz para as respostas, relacionei entrevistas com ganhadores de almas de projeção, dediquei-me a conversação informal com delegados casuais; atentando cuidadosamente para os

aspectos dos relatos e histórias, fustiguei a cabeça dos administradores de Divisão, União e Associação. Minha pesquisa me levou a todos os quatro festivais deste quinquênio. No México, encontrei-me com cerca de 3.500 delegados, procedentes das Uniões mexicanas. Na Guatemala, um número semelhante, vindo do restante dos países da Divisão de fala espanhola, chegou simultaneamente. Um dos pontos altos daquele festival foi a chegada de cinco representantes de Cuba. Aproximadamente 1000 delegados procedentes de regiões de fala inglesa, encontraram-se em Trinidad; e um número semelhante de delegados de fala francesa assistiu ao festival no Haiti.

Voltei para casa com muitas respostas, algumas interrogações e uma avaliação positiva essencial do que está acontecendo na Divisão entre as Américas. Voltei também com uma visão do que estaria sendo realizado se eu, e outros na América do Norte, tivéssemos o espírito ganhador de almas que está florescendo em nosso caminho, a partir de nossa fronteira meridional.

A chave para o sucesso

O ponto com o qual me defrontei repetidamente em minhas viagens foi: Ainda existe um grupo de pessoas que acredita ser importante tornar-se Adventista do Sétimo Dia, e que fazer isto causa uma diferença positiva na qualidade de vida dos indivíduos.

Suponho que a razão pela qual esta questão me tocou tão profundamente é que no ambiente em que vivo e trabalho, é mais comum se ouvir pessoas criticarem a atividade da igreja em vários aspectos, do que ouvi-las falar da influência positiva que a igreja lhes tem exercido na vida. O ambiente em que vivo caracteriza-se também, de maneira acentuada, por uma colação de grau a que assisti recentemente. O lema da classe baseava-se nas palavras tiradas de um filme cinematográfico em cartaz atualmente. Os membros da classe, que foram escolhidos para receber louvor e aplauso, não eram aqueles que haviam resolvido dedicar a vida ao serviço do Senhor, mas os que haviam sido aceitos nas universidades prestigiosas não adventistas para seguir carreiras financeiras compensadoras. Na verdade, Deus não recebe absolutamente outra menção a não ser a que é usada na fala do bacharelado, que foi apresentada por um ministro não adventista.

Conto isto, não como uma crítica ao ensino superior, embora sinta tristeza pelo jovem adventista que gastou parte dos seus anos formativos mais importantes, entregue a esta influência; mas, simplesmente para estabelecer o contraste e tirar lições. O contraste se estampava na face daqueles jovens mais antigos do Haiti.

Parece-me que a verdadeira chave do sucesso do programa conquistador de almas da Divisão Interamericana não são os alvos, as promoções nem a urgência. Ela se encontra na *crença*. Essas pessoas ainda *crêem* na velha mensagem adventista da piedade. *Acreditam* ainda que Jesus virá outra vez. Ainda *crêem* que a

Segunda Vinda é a maior esperança da humanidade. As pessoas jovens *acreditam* ainda que é mais honroso servir ao Senhor do que dirigir um Escort XR-3.

Naturalmente, generalizar a respeito da atitude de todos na Divisão, depois de associar-me apenas com os principais ganhadores de almas, é ver as coisas através de lentes cor-de-rosa. Existem áreas nas quais o crescimento é vagaroso, e outras nas quais a obra tem sido impedida por problemas administrativos. Mas fui ali para descobrir por que a obra está sendo bem-sucedida no lugar em que ela está sendo bem-sucedida. E há muitos lugares nos quais a situação é esta.

Quantidade e qualidade

Uma das minhas maiores preocupações quando segui para a Interamericana foi a qualidade do trabalho que está produzindo o rápido crescimento da Divisão. É possível que pessoas preparadas inadequadamente estejam sendo levadas para a igreja apenas para preencher alvos numéricos? Se assim é, poderia isto levar a problemas tais como os que foram enfrentados pela igreja primitiva por trazer os inconversos para o seu interior?

Algumas pessoas são batizadas prematuramente na Interamericana — mas nada do que vi indicava que a prática seja mais comum aqui do que em qualquer outra parte. Ouvi umas poucas histórias inquietantes de pastores que dirigiam grandes séries de conferências, seguidas de muitos batismos e de iguais quantidades de apostasias. Mas ouvi muito mais histórias de pessoas leigas preocupadas em ir de casa em casa até reunir um pequeno grupo para estudar a Bíblia. Falei com homens e mulheres leigos que dedicavam duas, três e mais noites por semana, preparando com dedicação incentivos para os membros da igreja usarem na campanha de colheita.

Essas pessoas leigas têm uma preocupação verdadeira pelas almas que têm procurado salvar, e embora admitam que Satanás trabalha incessantemente com as pessoas após o batismo, a maioria parece interessada em esforçar-se para ter a certeza de que os novos conversos estão integrados na vida da igreja. Contudo, podem surgir problemas se estes leigos são incentivados a procurar alcançar alvos cada vez mais elevados. Alvos irrealistas levam as pessoas a especializar-se mais em ganhar do que em salvar almas.

Nos encontros com pessoas de fala espanhola, gastei boa parte do meu tempo acompanhando o secretário ministerial da Divisão e o evangelista Salim Japas, de um lugar para outro. Andar por toda parte com Salim foi um processo extremamente lento — não porque este jovem homem ativo, que se jubilará no próximo ano ande devagar, logicamente. O problema era que dificilmente ele conseguia dar um passo sem encontrar alguém que se havia unido à igreja como resultado de suas conferências e que agora estava assistindo ao festival como um líder ganhador de almas. Para mim, ficou claro

que uma boa porcentagem das pessoas que aquele evangelista trouxe ao Senhor, continua firme na fé e partilhando a sua crença.

A questão da quantidade de joio na colheita esteve sempre presente em minha mente, mas aqueles representantes da boa semente que se haviam reunido, deixaram-me feliz por a colheita estar sendo efetuada rapidamente. Sem o realce da conquista de almas, nem o trigo nem o joio seriam reunidos.

Um dos fatores que tornam mais fácil ter certeza de que os novos conversos se tornaram parte da vida da igreja, é a extensão em que a vida das pessoas se centraliza na igreja, especialmente nas zonas rurais. A maioria das igrejas adventistas da Divisão realiza várias reuniões semanais além dos cultos aos sábados. Assim, é comum terem atividade na igreja no domingo, quartas e sextas-feiras à noite, além de todo o dia de sábado.

Visão do futuro

O presidente da Divisão, George Brown, vibra de entusiasmo quando fala sobre o futuro. “Mal posso imaginar como será o futuro”, diz ele, referindo-se à maneira como o índice de crescimento se vem acelerando.

Eu temia que talvez fosse encontrar uma sensação de triunfalismo na Divisão — que talvez aqueles festivais pudessem dar aos delegados uma sensação de ufanía. Meus temores, porém, eram infundados. A tônica dos discursos em cada festival baseava-se nas palavras de Josué 13:1: “Ainda muitíssima terra ficou para se possuir”, e este lema foi escrito numa bandeira diante de cada local de reunião.

Os administradores da Divisão estão bem conscientes de que embora haja algumas Associações em seu território nas quais há um adventista para cada 16 habitantes, há também áreas como a cidade do México, onde a presença adventista ainda é obscura. Há consciência da dificuldade, bem como dos campos férteis da Divisão. Eles estão cientes das pressões crescentes da secularização que tornarão o trabalho cada vez mais difícil, mesmo nas zonas rurais.

As pessoas leigas também estão conscientes destas coisas, e estão constantemente buscando novas maneiras de alcançar os seus semelhantes para Cristo. Como me disse um leigo, embora em certas áreas prósperas seja mais difícil despertar o interesse para vir às reuniões, também é difícil levar os membros a qualquer reunião que não os cultos de sábado de manhã. São as zonas rurais e menos prósperas que produzem muito do crescimento, mas estão sendo feitos esforços para atingir também as outras classes. E o realce sobre a educação está ajudando os adventistas da segunda geração a penetrarem nas camadas mais elevadas.

O método mais comum de estudo nas áreas espanholas parece ser dirigir os alunos através do livro *Fe de Jesus (A Fé de Jesus)*, que constitui o manual de batismo. Mas os seminários Revelação também estão ficando comuns, e a Divisão trouxe um representante

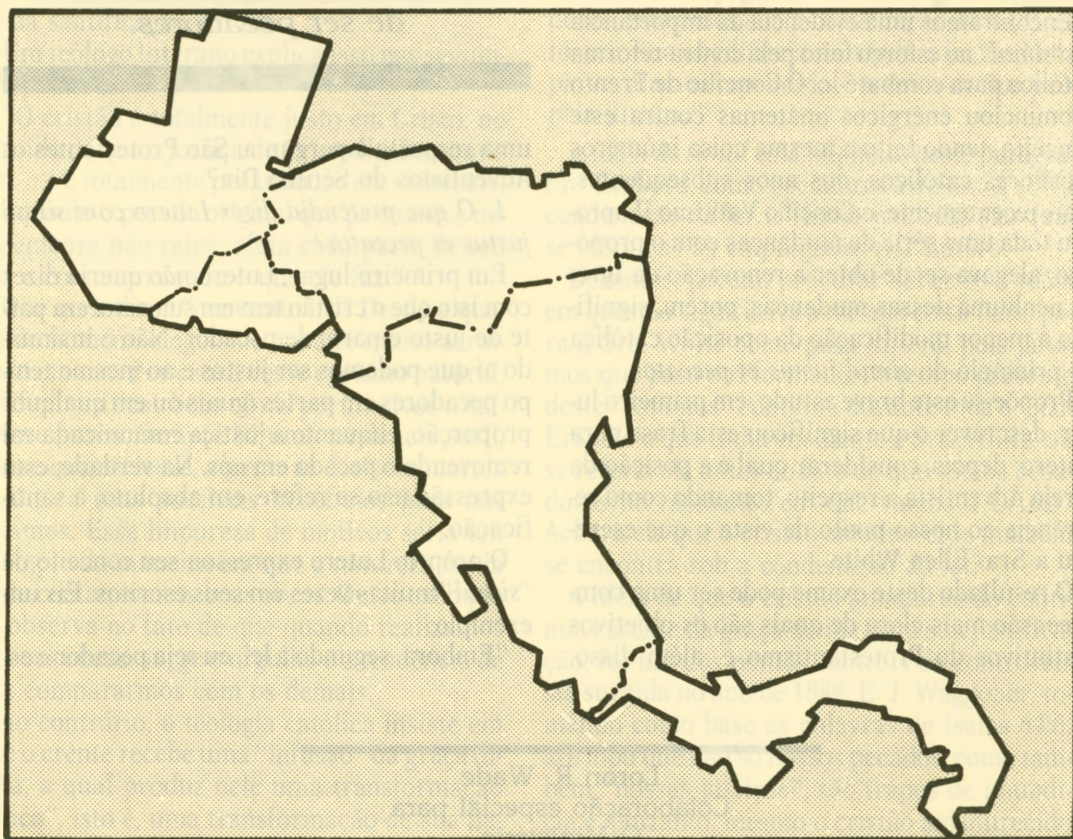
de Comunicação de Empresa para as reuniões espanholas, a fim de ensinar as pessoas a usarem um curso de vida em família (parecido com "Família Feliz") no evangelismo. Em Trinidad ouvi falar de meios de aproximação tais como grupos de discussão da Bíblia da rádio CB, que têm levado a muitos batismos. O ministério do cárcere e o ministério para pacientes com AIDS também estão sendo levados a efeito com bons resultados em muitas áreas.

Avaliação pessoal

Em resumo, a experiência de assistir àqueles festivais foi positiva. Eu sabia que seria convidado a pregar para aqueles bem-sucedidos ganhadores de almas, e fiquei pensando o que eu, cujos resultados evangelísticos não podiam igualar-se aos seus, poderia dizer-lhes. No processo de travar conhecimento com eles, não obstante, aprendi que eles eram apenas seres humanos comuns, cuja necessidade de ouvir o evangelho pregado não é anulada por seu próprio sucesso na pregação.

Mas aquele povo comum crê firmemente naquilo que está fazendo. E crê firmemente no Deus a quem serve. E aquilo em que eles crêem está produzindo uma diferença extraordinária em sua vida, e na vida de seus semelhantes.

Kenneth R. Wade



A Frase Teológica de Lutero

Este artigo comenta a frase usada por Martinho Lutero, de acordo com a qual o homem é ao mesmo tempo justo e pecador. Considerada como a idéia protestante a respeito da salvação, foi defendida pela Sra. E. G. White, com ligeiras alterações.

Uma das idéias principais da teologia de Martinho Lutero é expressa na frase: *Simul justus et peccator*, "ao mesmo tempo justo e pecador". Aceito pelos demais reformadores, este conceito se tornou a nota tônica da Reforma do Século XVI. Hoje é considerado parte indispensável da definição do que constitui um protestante.

Encontramos uma evidência da importância do "simul" no esforço feito pela contra-reforma católica para combatê-lo. O Concílio de Trento pronunciou enérgicos anátemas contra este conceito, tendo feito a mesma coisa inúmeros escritores católicos, nos anos subseqüentes. Mais recentemente, o Concílio Vaticano II aprovou toda uma série de mudanças com o propósito, alegava-se, de obter a renovação da Igreja; nenhuma dessas mudanças, porém, significou a menor modificação da oposição católica ao princípio do *simul justus et peccator*.

Propõe-se este breve estudo, em primeiro lugar, descrever o que significou esta frase para Lutero; depois, considerar qual é a posição da Igreja Adventista a respeito, tomando como referência ao nosso ponto de vista o que escreveu a Sra. Ellen White.

O resultado deste exame pode ser uma compreensão mais clara de quais são os objetivos distintivos do Protestantismo e, além disso,

Lutero, o grande reformador, cria que o homem pode ser ao mesmo tempo justo e pecador. Ele cria que enquanto estivermos vivendo esta vida, nunca deixaremos de ser pecadores.

uma resposta à pergunta: São Protestantes os Adventistas do Sétimo Dia?

1. *O que pretendia dizer Lutero com simul justus et peccator?*

Em primeiro lugar, Lutero não queria dizer com isto que o cristão tem em sua natureza parte de justo e parte de pecador. Não é insinuado aí que podemos ser justos e ao mesmo tempo pecadores em partes iguais ou em qualquer proporção, enquanto a justiça comunicada vai removendo o pecado em nós. Na verdade, esta expressão não se refere, em absoluto, à santificação.

O próprio Lutero expressou seu conceito de "simul" muitas vezes em seus escritos. Eis um exemplo:

"Embora, segundo a lei, eu seja pecador e es-

Loron R. Wade
Colaboração especial para
"O Ministério"

teja debaixo da condenação da lei, não obstante, não me desespero e não morro, porque Cristo vive, o qual é tanto minha justiça como minha vida eterna. E nessa justiça e nessa vida, já não tenho nem pecado, nem temor, nem drama de consciência, nem medo da morte.

“Certamente, como filho de Adão, sou um pecador no que se refere a esta vida e à justiça desta, ... mas tenho outra justiça e uma vida que está muito acima desta, a qual é Cristo o Filho de Deus, que não conhece nem pecado, nem morte, mas é justiça e vida eterna.”¹

“Segundo a lei”, diz Lutero, “sou pecador e estou debaixo da condenação da lei.” Assim, o reformador quer dizer que para o cristão, a condição de ser, por natureza, pecador, nunca é pretérita. Enquanto estivermos nesta vida, continuaremos dizendo: “Sou pecador”.

Lutero e os demais reformadores não duvidavam da possibilidade e importância da santificação. Achavam, contudo, que a natureza pecaminosa — essa tendência ou afinidade natural para o mal, que herdamos de Adão — perdura a vida inteira. E a natureza caída não só nos leva a cometer pecados, como também afeta — contamina — as boas obras que são o fruto da santificação em nós.

Um teólogo luterano explica isso nas seguintes palavras:

“O cristão é totalmente justo em Cristo, no sentido de que a justiça de Cristo lhe é imputada, ... e é totalmente pecaminoso em si mesmo, porquanto o pecado original que permanece nele, embora não reine, afeta cada parte de seu ser e contamina tudo o que ele faz.”²

Que quer dizer “contaminar”? Desde a queda do homem, o egoísmo acha-se muito arraigado em nós. Por causa desse egoísmo natural, é difícil praticar boas obras por motivos totalmente puros. Sempre há uma tendência sutil, quase inconsciente, a pesar as decisões morais quanto a seus possíveis benefícios para nós mesmos. Essa impureza de motivos seria um exemplo da maneira em que a natureza caída pode contaminar as boas obras. Outro exemplo se observa no fato de que quando realizamos as boas obras, surge o orgulho e a tendência de nos compararmos com os demais.

Ao contrário, a teologia católica insiste em que o crente recebe uma “infusão” da graça divina, a qual produz nele uma transformação “ótica”, isto é, uma transformação de sua na-

tureza pecaminosa e lhe devolve nesta vida a natureza do Éden.³ Por isso, o catolicismo ensina que o homem, “em estado de graça”, pode fazer obras realmente meritórias e obter por meio delas o favor de Deus.⁴

Simul justo et peccator significa precisamente o contrário disto: Significa que o homem, em virtude de sua natureza pecaminosa, não tem e não pode ter jamais outro mérito que não o mérito da perfeita justiça de Cristo, que lhe é imputada pela fé.

2. Apresenta a Sra. White de alguma outra maneira a idéia de *simul justus et peccator*?

A Sra. White, da mesma forma que Lutero, insiste firmemente em que a justiça imputada de Cristo é nossa única esperança de vida eterna:

“A grande obra operada pelo pecador, impuro e maculado pelo mal, é a obra da justificação. Por Aquelê que fala a verdade, é o pecador declarado justo. O Senhor imputa ao crente a justiça de Cristo e perante o Universo o pronuncia justo. Transfere os seus pecados para Jesus, o representante, substituto e penhor do pecador. Sobre Cristo coloca Ele a iniquidade de toda alma que crê.... Embora, como pecadores, estejamos sob a condenação da lei, Cristo, por Sua obediência prestada à lei, reclama para a alma arrependida, o mérito de Sua própria justiça.”⁵

A idéia de *simul* está implícita neste parágrafo: “Embora, como pecadores estejamos sob a condenação da lei...” Estas palavras são quase idênticas às empregadas por Lutero.

Devemos, porém, procurar saber se a idéia em questão significava a mesma coisa tanto para a Sra. White como para Lutero, pois já vimos que para o reformador, o tempo presente deste “estamos” continua durante toda a vida. Era isto o que tinha em mente a Sra. White, ou se referia ela antes ao fato de que somos pecadores no momento em que vamos a Cristo? Achava ela que o cristão amadurecido também se encontra sob a condenação da lei?

A idéia de que o cristão amadurecido continua carente da graça divina para sua justificação, foi um dos pontos centrais da controvérsia surgida no ano de 1888. E. J. Waggoner, tomando como base as palavras de Isaías 64:6, afirmou que não só nossos pecados, como também “nossas justificações”, são trapos de imundícia e, portanto, mesmo o cristão amadurecido

se acha “sob a condenação da lei”. Esta foi uma idéia-chave na apresentação que fez do tema da justificação pela fé em 1888.⁶

O editorial do Pastor Smith

Quando a repercussão desse ensino começou a chegar aos escritórios da *Review and Herald*, depois do famoso congresso de Mineápolis, Urias Smith ficou alarmado. De maneira clara e enfática o Pastor Smith expressou o seu ponto de vista em um editorial que saiu na revista de 10 de julho de 1889. As boas obras, realizadas no poder do Espírito Santo, *não são* trapos de imundícia, afirmou categoricamente. Pela graça de Cristo, a natureza pecaminosa é removida nesta vida — dizia o Pastor Smith — de modo que o ser humano pode prestar uma obediência que satisfaz completamente os reclamos da justiça divina.⁷

Poucos dias depois, numa reunião campal realizada no Estado de Nova Iorque, a Sra. White falou do editorial em um sermão, dizendo da maneira mais direta possível, que o Pastor Smith não havia entendido corretamente o assunto.⁸

Em outro lugar, ela toma uma posição claramente protestante quanto a este assunto — uma posição que discordava, por certo, do que estava sendo ensinado pela maioria dos dirigentes adventistas daquele tempo:

“Os serviços religiosos, as orações, o louvor, a penitente confissão do pecado, sobem dos crentes fiéis, qual incenso ao santuário celestial, *mas passando através dos corruptos canais da humanidade, ficam tão maculados* que, a menos que sejam purificados por sangue, jamais podem ser de valor perante Deus. Não ascendem em imaculada pureza, e a menos que o Intercessor, que está à mão direita de Deus, presente e purifique tudo por Sua justiça, não será aceitável a Deus.... Oxalá vissem todos quanto a obediência, penitência, louvor e ações de graças, tudo que tem que ser colocado sobre o ardente fogo da justiça de Cristo! A fragrância desta justiça ascende qual nuvem em torno do propiciatório.”⁹

3. *Que devemos deduzir da comparação des-*

ta declaração feita pela Sra. White com a de Martinho Lutero?

Nesta citação encontramos uma indicação clara de *simul justus et peccator*. Há, até mesmo, semelhança na terminologia, o que nos lembra a declaração do teólogo luterano, que escreveu: “O pecado original que permanece no homem, mesmo que não reine, afeta cada parte de seu ser e contamina tudo o que ele faz.”

Dessa forma, a Sra. White recusava a posição católica, colocando-se inteiramente do lado protestante.

Mas verificamos, também, que sua explicação deste assunto não é precisamente idêntica à de Martinho Lutero. Lutero dizia que o pecador é aceito graças à justificação e a despeito de seus caminhos contaminados pelo pecado. Ellen White possivelmente tenha aceitado a verdade deste conceito. Existe, porém, em sua expressão, um equilíbrio inspirado; ela percebeu no assunto uma dimensão mais profunda, uma dimensão que Lutero aparentemente não conseguiu ver.

O pastor Urias Smith não concordava em que as boas obras possam ser consideradas “trapo de imundícia”.

Ele escreveu um editorial sobre isto em 10 de julho de 1889, após o congresso de Meneápolis.

Para Lutero, a justificação destrói o valor das boas obras. A Sra. White, em contraposição, revela que é precisamente a justificação que pode revestir de valor e significado as nossas boas obras. Por causa do mérito imputado a Cristo — diz a serva do Senhor — tais obras se tornam aceitáveis diante de Deus. Cristo “segura perante o Pai o incensário de Seus próprios méritos, nos quais não há mancha de corrupção terrestre. Nesse incensário reúne Ele as orações, o louvor e as confissões de Seu povo, juntando-lhes Sua própria justiça imaculada. Então, perfumado com os méritos da propiciação de Cristo, o incenso ascende perante Deus completa e inteiramente aceitável.”

Observe como a mesma idéia é expressa nesta extraordinária citação:

“Nossa aceitação diante de Deus só é certa

mediante Seu amado Filho, e as boas obras não são mais do que o resultado da obra de Seu amor que perdoa os pecados. Elas não nos tornam dignos de crédito, e nada nos é concedido por nossas boas obras, pelo que possamos pretender uma parte na salvação de nossa alma. A salvação é um dom gratuito de Deus ao crente, que só lhe é conferido por causa de Cristo. A alma turbada pode encontrar paz pela fé em Cristo, e sua paz será proporcional à sua fé e confiança. O crente não pode apresentar suas obras como argumento para salvação de sua alma.

“Mas, não possuem as boas obras verdadeiro valor? É o pecador que diariamente comete pecados impunemente, considerado por Deus com a mesma distinção que aquele que, pela fé em Cristo, procura agir com integridade? As Escrituras respondem: ‘Somos feita de Ele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas’.

“Em sua providência divina, e mediante Seu favor imerecido, ordenou o Senhor que as boas obras sejam recompensadas. Somos aceitos unicamente por meio dos méritos de Cristo; e os atos de misericórdia, as obras de caridade que fazemos, são os frutos da fé e se transformam em bênção para nós, pois os homens serão recompensados de acordo com as suas obras. A fragrância dos méritos de Cristo é o que torna nossas boas obras aceitáveis diante de Deus, e é a graça que nos capacita a fazer as obras pelas quais Ele nos recompensa.

Em si, e por si mesmas, nossas obras não possuem mérito. Quando fizermos tudo o que podemos fazer, devemos considerar-nos servos inúteis. Não merecemos a gratidão de Deus.”¹⁰

Conclusão

O catolicismo ensina que o homem, em estado de graça, obtém méritos por praticar boas obras, ao passo que o protestantismo ensina que a natureza corrompida do homem, a qual não desaparecerá antes da Segunda Vinda, contamina nossas boas obras e as impossibilita de conquistar qualquer espécie de mérito

que nos favoreça.

Neste conceito, a Sra. Ellen White está de acordo com a posição protestante. Contudo, acrescenta que, embora as boas obras sejam uma moeda inteiramente sem valor na mão do crente, elas serão premiadas,¹¹ porque Cristo lhes atribui mérito com Sua própria justiça divina.

Muitos cristãos têm ficado perplexos, ao ver uma aparente contradição na Bíblia, pois nos é assegurado que recebemos a salvação pela fé, sem obras da lei, mas ao mesmo tempo se diz que os remidos serão recompensados “segundo as suas obras”.¹² À luz das idéias apresentadas pela Sra. White, o enigma fica resolvido: A salvação é, na verdade, pela graça, e a recompensa que receberão nossas boas obras não é graça sobre graça. É mais uma evidência do insondável amor de Deus para com aqueles que jamais poderiam merecê-lo.

Em harmonia com a iluminação celestial concedida à Sra. Ellen White sobre este assunto, os Adventistas do Sétimo Dia tomam uma posição que os alinha com a luz que Deus enviou ao mundo na Reforma do século XVI e se declaram decididamente Protestantes.

1. Martinho Lutero, *Um Comentário Sobre a Epístola de São Paulo aos Gálatas* (Nova Iorque: Robert Carter, 1848), pág. XXVII.
2. P.S. Watson, “Luther and Sanctification”, *Concordia Theological Monthly*, vol. 30, 1965), pág. 255.
3. Ver por exemplo José Ma. G. Gómez Heras *Teologia Protestante* (Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1972), pág. 48.
4. Autor anônimo, *Por que somos católicos e não protestantes?* Madrid: Ediciones Paulinas), págs. 170-176).
5. Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, Livro I, págs. 392 e 393.
6. E. J. Waggoner, *Christ and His Righteousness* (Oakland, Calif.: Pacific Press Publishing Co., 1890 e 1972), págs. 54 e 55.
7. Urias Smith, “Our Righteousness”, *Review and Herald*, 10 de julho de 1889. A mesma posição era defendida pelo Pastor J. Butler, que dizia que sendo fortalecido pelo Senhor, é possível “obter algo no campo das boas obras que possa alcançar o favor divino” (*The Law in the Book of Galatians: Is It the Moral Law?* (Battle Creek, Mich.: Review and Herald Publishing House, 1886), pág. 74.
8. White, Manuscrito 5, 1889, citado por Norval Pease em *Solamente por fe* (Mountain View, Calif.: Pacific Press Publishing Association, 1968), 130.
9. White, *Mensagens Escolhidas*, Livro I, pág. 344.
10. White, *Comentário Bíblico Adventista*, vol. 5, pág. 1096.
11. Ver também Heb. 6:10.
12. Mat. 16:27; Rom. 2:6; Apoc. 22:12, e muitos outros textos afirmam isto.

Reavivamento e Reforma Já

Ellen White não só salienta a necessidade do Espírito Santo, como descreve as condições para receber a chuva serôdia.

Ao avizinhar-se o fim da ceifa da Terra, uma especial concessão da graça espiritual é prometida a fim de preparar a igreja para a vinda do Filho do homem. Esse derramamento do Espírito é comparado com a queda da chuva serôdia; e é por este poder adicional que os cristãos devem fazer as suas petições ao Senhor da seara 'no tempo da chuva serôdia'. Em resposta, 'o Senhor... fará descer a chuva, a temporã e a serôdia' (Zacarias 10:1; Joel 2:23)." — *Atos dos Apóstolos*, pág. 55.

"É a ausência do Espírito que torna o ministério evangélico tão destituído de poder. É possível possuir erudição, talento, eloquência e todos os dons naturais ou adquiridos; sem a presença do Espírito de Deus, porém, nenhum coração será tocado, pecador algum conquistado para Cristo. Por outro lado, se estiver ligado a Cristo, se possuir os dons do Espírito, o mais desprovido e mais ignorante dos Seus discípulos terá um poder que impressionará os corações. Deus o faz conduto para transportar as influências mais elevadas do Universo". — *Testimonies*, vol. 8, págs. 22 e 23.

"Peçam os cristãos... com fé a bênção prometida, e ela virá. O derramamento do Espírito nos dias dos apóstolos, foi a chuva temporã, e gloriosos foram os resultados. A chuva serôdia, porém, será abundante." — *Evangelismo*, pág. 701.

"Um reavivamento da verdadeira piedade entre nós, eis a maior e a mais urgente de todas as nossas necessidades. Buscá-lo, deve ser nossa primeira ocupação. Importa haver diligente esforço para obter a bênção do Senhor, não porque Deus não esteja disposto a outorgá-la, mas porque nos encontramos carecidos de preparo para recebê-la. Nosso Pai celeste está mais disposto a dar Seu Espírito Santo àqueles que Lho peçam, do que pais terrenos o estão a dar boas dádivas a seus filhos. Cumpre-nos, porém, mediante confissão, humilhação, arrependimento e fervorosa oração, preencher as condições estipuladas por Deus em Sua promessa para conceder-nos Sua bênção. Só podemos esperar um reavivamento em resposta à oração." — *Mensagens Escolhidas*, Livro 1, pág. 121.

"Não há coisa alguma que Satanás tome tanto como que o povo de Deus desimpeça o caminho mediante a remoção de todo impedimento, de modo que o Senhor possa derramar Seu Espírito sobre uma langüescente igreja e uma congregação impenitente.

Se Satanás pudesse fazer o que ele queria, nunca haveria outro despertamento, grande ou pequeno, até ao fim do tempo. Não somos, porém, ignorantes de seus ardis. É possível resistir-lhe ao poder. Quando o caminho estiver preparado para o Espírito de Deus, a bênção virá. Satanás não pode impedir uma chuva de bênção de cair sobre o povo de Deus, mais do que fe-

Ellen G. White

char as janelas do Céu para que a chuva não caia sobre a Terra.” — *Idem*, pág. 124.

“Precisa haver um reavivamento e uma reforma, sob a ministração do Espírito Santo. Reavivamento e reforma são duas coisas diversas. Reavivamento significa renovamento da vida espiritual, um avivamento das faculdades da mente e do coração, uma ressurreição da morte espiritual. Reforma significa uma reorganização, uma mudança nas idéias e teorias, hábitos e práticas. A reforma não trará o bom fruto da justiça a menos que seja ligada com o reavivamento do Espírito. Reavivamento e reforma devem efetuar a obra que lhes é designada, e no realizá-la precisam fundir-se.” — *Mensagens Escolhidas*, Livro 1, pág. 128.

“Não precisamos preocupar-nos com respeito à chuva serôdia. Tudo o que temos que fazer é conservar os vasos limpos e com o lado certo para cima, e preparado para a recepção da chuva celestial, e manter-nos orando: ‘Permiti que a chuva serôdia penetre no meu vaso. Permiti que a luz do glorioso anjo que se une com o terceiro anjo brilhe sobre mim; dá-me uma parte na obra; deixai que eu faça soar a proclamação; permiti que eu seja um colaborador de Cristo Jesus’. Ao assim buscardes a Deus, permiti que vos diga, Ele vos mantém em condições adequadas todo o tempo, dando-vos Sua graça.” — *The Upward Look*, pág. 283.

“O tempo decorrido não operou nenhuma mudança na promessa dada por Cristo ao partir, promessa esta de enviar o Espírito Santo como Seu representante. Não é por qualquer restrição da parte de Deus que as riquezas de Sua graça não fluem para a Terra em favor dos homens. Se o cumprimento da promessa não é visto como poder ser, é porque a promessa não é apreciada como devia ser. Se todos estivessem dispostos, todos seriam cheios do Espírito. Onde quer que a necessidade do Espírito Santo seja um assunto de que pouco se pense, ali se verá sequidão espiritual, escuridão espiritual e espirituais declínio e morte. Quando quer que assuntos de menor importância ocupem a atenção, o divino poder, preciso para o crescimento e prosperidade da igreja, e que haveria de trazer após si todas as demais bênçãos, está faltando, ainda que oferecido em infinita plenitude.

“Uma vez que este é o meio pelo qual havemos de receber poder, por que não sentimos fome e sede pelo dom do Espírito? Por que não falamos sobre ele, não oramos por ele e não pre-

gamos a seu respeito? O Senhor está mais disposto a dar o Espírito Santo àqueles que O servem do que os pais a dar boas dádivas a seus filhos.” — *Atos dos Apóstolos*, pág. 50.

“Havendo operado a convicção do pecado, e apresentado perante a mente a norma de justiça, o Espírito Santo afasta as afeições das coisas da Terra, e enche a alma com o desejo de santidade.

“‘Ele vos guiará em toda a verdade’, declarou o Salvador. S. João 16:13. Se os homens se dispuserem a ser moldados, haverá a santificação de todo o ser. O Espírito tomará as coisas de Deus e lhas gravará na alma. Por Seu poder o caminho da vida se tornará tão claro que ninguém o errará.” — *Idem*, págs. 52 e 53.

“Todo obreiro que segue o exemplo de Cristo, estará apto a receber e empregar o poder que Deus prometeu a Sua igreja para a manutenção da seara da Terra. Manhã após manhã, ao se ajoelharem os arautos do evangelho perante o Senhor, renovando-Lhe seus votos de consagração, Ele lhes concederá a presença de Seu Espírito, com Seu poder vivificante e santificador. Ao saírem para seus deveres diários, têm eles a certeza de que a invisível atuação do Espírito Santo os habilita a serem ‘cooperadores de Deus’.” — *Idem*, pág. 56.

“Quando pusermos o coração em unidade com Cristo, e nossa vida em harmonia com Sua obra, o Espírito que desceu no dia de Pentecostes virá sobre nós” (*Adventist Review and Sabbath Herald*, 15 de maio de 1888).

“A medida do Espírito Santo, que receberemos, será proporcional à medida de nosso desejo, da fé para isto exercida e do uso que fizermos da luz e do conhecimento que nos forem concedidos. Ser-nos-á confiado o Espírito Santo de acordo com nossa capacidade de receber e nossa habilidade de comunicá-lo a outros.” — *Manuscript Release* 347).

“A dispensação na qual estamos agora viven-

“O tempo decorrido não operou nenhuma mudança na promessa dada por Cristo ao partir, promessa esta de enviar o Espírito Santo como Seu representante.”

do deve ser, para aqueles que pedirem, a dispensação do Espírito Santo. Suplicai Sua bênção... o derramamento do Espírito é indispensável. Deveríamos orar por isto... Orai sem cessar e procurai andar de acordo com vossas orações. Quando orardes, crede, confiai em Deus. É no tempo da chuva serôdia, que o Senhor concederá em grande medida do Seu Espírito. Sede fervorosos na oração, e vigiai no Espírito.” — *Bible Echo*, nº 7, 1898.

“Ele enviará Seu Espírito Santo na plenitude de Seu vigor, e não haverá compartimento suficiente para recebê-lo. Nada a não ser o batismo do Espírito Santo capacitará a igreja para esta posição, e preparará o povo de Deus para o conflito iminente.” — *Carta 15*, 1889.

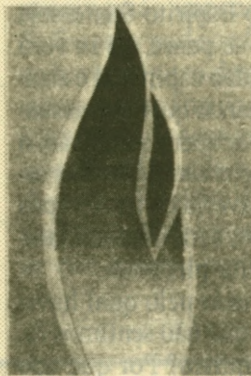
“Não estará muito distante a ocasião em que os homens serão privados de uma muito mais estreita relação com Cristo, e de uma muito mais íntima união com Seu Espírito Santo, do que já tiveram ou terão, a menos que abandonem sua própria vontade e seu próprio caminho, e se submetam à vontade e ao caminho de Deus. O grande pecado daqueles que professam ser cristãos é que eles não abrem o coração para receber o Espírito Santo. Quando as almas anelarem a Cristo, e procurarem tornar-se um com Ele, então aqueles que estão contentes com a forma de piedade, exclamarão: “Cuidado, não vão a extremos!” Quando os anjos do Céu estiverem no meio de nós e operarem por meio de instrumentos humanos, haverá conversões genuínas substanciais, depois a seqüência das conversões que acompanharam o dia de Pentecostes.” — *Carta 27*, 1894.

“Há, sem exceção, muito pouco da influência da obra do Espírito Santo na igreja. Depende-se inteiramente muito mais das instru-

“Quando os anjos do Céu estiverem no meio de nós e operarem por meio de instrumentos humanos, haverá conversões genuínas substanciais, depois a seqüência das conversões que acompanharam o dia de Pentecostes.”

mentalidades humanas para alcançar sucesso na igreja. Onde houver genuína piedade na igreja, aí haverá fé genuína nas manifestações da eficácia do Espírito Santo. É o depender do homem e de sua suposta capacidade, sua instrução e seu conhecimento, em sentido tão amplo, que eclipsa o Senhor Deus, todo-poderoso, que pode ajudar e ajudará, e que deseja manifestar. Se a toda alma negligenciada, abatida, que se sente fraca em poder moral. Esta deve repousar na Palavra de Deus com inabalável confiança, e deixar de fazer continuamente do braço de carne a sua dependência e sua confiança.” — *Manuscrito 93*, 1893.

“A ansiedade é cega, e não pode discernir o futuro; mas Jesus vê o fim desde o começo. Em toda dificuldade tem Ele um caminho preparado para trazer alívio. Nosso Pai celestial tem mil modos de providenciar em nosso favor, modos de que nada sabemos. Os que aceitam como único princípio tornar o serviço e a honra de Deus o supremo objetivo, hão de ver desvanecidas as perplexidades, e uma estrada plana diante de seus pés.” — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 313.



Removendo Barreiras

Podemos aceitar o evangelho sem aceitar nossos irmãos de diferentes classes, castas ou cores?

Desde a torre de Babel, a confusão na fé levou à divisão na adoração. Em todo o mundo, a sociedade está dividida em facções de ricos e pobres, brancos e pretos, homem e mulher, de acordo com as distinções de raças, classes, gênero e status social. Não é preciso ser teólogo para entender que esta nunca foi a vontade de Deus para a igreja; nem é preciso ser historiador para saber que a igreja não tem estado imune à enfermidade da discriminação.

Diz-se que o jovem Gandhi se sentiu impressionado com os ensinamentos de Jesus e dirigiu-se a uma igreja, na esperança de aprender mais a respeito do Carpinteiro de Nazaré. Foi, porém, recebido à porta, e informado de que a igreja era apenas para brancos. Nesse momento ele deu as costas para sempre, não só àquela igreja, mas ao cristianismo. Tenha ou não acontecido realmente este incidente, o relato ilustra um problema histórico bem real na igreja cristã. O Cristo de túnica inconsútil tem visto Seu corpo fragmentado por milhares de pequenas distinções. Embora tenha ensinado que em Cristo “não há nem judeu nem grego”, tornou-se um provérbio nos Estados Unidos que o culto das 11:00 horas é o momento mais segregado da semana. Infelizmente, o povo de Deus tem muitas vezes sido a “cauda” e não a “cabeça” — um reflexo da sociedade, em lugar de um agente de mudanças.

Parte do problema pode ser nossa má compreensão da justificação pela fé. O ensino popular muitas vezes se esquece de mostrar o contexto social em que Paulo pregou esta mensagem, e assim deixa de experimentar as implicações práticas para a sociedade humana. Enquanto para Paulo, o evangelho era o removedor da “parede de separação da hostilidade” entre as pessoas e o edificador dessas pessoas em

um templo vivo — uma parábola da graça de Deus — o ensino moderno salienta quase que inteiramente os aspectos “verticais” e pessoais do evangelho, deixando inteiramente de lado suas ramificações sociais.

A cruz do evangelho de Paulo

Em *Paul Among Jew and Gentile*, Krister Stendahl salienta que a teoria ocidental de Agostinho a Lutero interpretou a justificação pela fé em termos de uma crise da consciência. Paulo, contudo, dirigiu seu ensino para uma crise na comunidade: tensão entre judeus e gentios. Tanto Romanos como Gálatas, as obras-chave do Novo Testamento neste assunto, refletem esta tensão. Para Paulo, a justificação pela fé não era apenas uma teoria para contemplação ou uma condenação para uma consciência culpada; era a constituição de uma comunidade.

O ensino popular se esquece de mostrar o contexto social em que Paulo pregou a mensagem da justificação pela fé, e deixa de experimentar as implicações práticas para a sociedade humana.

Depois de sua introdução enérgica e emocional, o livro de Gálatas não se demora numa consideração objetiva da teologia de Paulo, mas em

uma consideração pessoal do testemunho de Paulo. Esta curta autobiografia atinge o seu ponto culminante no evento que estabelece a tendência para toda a carta: sua confrontação com Pedro (2:11-14). A disputa de Paulo com Pedro é crucial para nossa compreensão desta epístola, e, em grande parte, nossa apreciação da justificação pela fé. Pedro não havia ensinado um falso evangelho; entretanto, seus atos equivaleram exatamente a isto. O pecado de Pedro foi que ele “afastou-se” e “veio a apartar-se” (2:12), temendo a facção da circuncisão. Os judeus tinham normas rígidas que regulavam sua associação com os gentios, e talvez Pedro não quisesse parecer como se estivesse baixando o padrão. (Ele deve ter esquecido que uma das acusações feitas contra Cristo foi que Ele “recebe pecadores e come com eles” [Lucas 15:2]. Paulo acusou Pedro de hipocrisia, pois seus atos não eram motivados por convicção mas por coerção.

Este incidente cria o cenário para o resto da epístola. O evangelho de Paulo não é tido como um discurso teórico objetivo, mas no contexto do drama do relacionamento humano. “Mas se, procurando ser justificados em Cristo, fomos nós mesmos também achados pecadores, dar-se-ia o caso de ser Cristo ministro do pecado? Certamente não! Porque, se torno a edificar aquilo que destruí, a mim mesmo me considero transgressor” (2:17 e 18). O verdadeiro pecado, diz Paulo, é tornar “a edificar aquilo que destruí” ou, em outras palavras, a “parede de separação de hostilidade” entre pessoas por quem Jesus morreu (cf. Efés. 2:13). A ortodoxia não seria medida pelas palavras apenas. Os atos de Pedro falaram mais alto do que suas palavras, e esta doutrina foi medida por suas ações.

O assunto central do restante do livro de Gálatas gira em torno da circuncisão — o sinal distintivo entre judeus e gentios. A circuncisão já não era relevante porque “não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus” (3:28). A descendência de Abraão é espiritualmente definida, pela fé em Cristo (3:29). Paulo resume sua mensagem no capítulo seis, ao dizer: “Pois nem a circuncisão é coisa alguma, nem a incircuncisão, mas o ser nova criatura. E a todos quantos andarem de conformidade com esta regra, paz e misericórdia sejam sobre eles e sobre o Israel de Deus” (6:15 e 16). Muitas vezes o termo “nova criatu-

ra” é aplicado aos crentes individuais quando os pregadores salientam o novo nascimento. Creio que Paulo tinha uma aplicação mais abrangente para este termo quando usado no contexto de sua epístola. O *Israel de Deus* é a nova criatura: “todos quantos andarem de conformidade com esta regra”.

“Até que ponto, nós e nossas congregações locais, estamos derribando os muros das barreiras sociais, e alcançando a todos as castas e clãs?”

O livro de Romanos também pode ser considerado como a defesa feita por Paulo, dos gentios como co-herdeiros de Abraão. Num livro com poucas divisões literárias claras a mais notória interrupção ocorre no fim do capítulo onze, que termina com uma “doxologia” e um “Amém”. O capítulo 12 começa com “rogo-vos, pois...” e continua a fazer aplicações práticas do evangelho de Paulo. Os capítulos nove a onze, onde Paulo discute a natureza espiritual de Israel, a manifestação humana dos atos salvíficos de Deus em Cristo, constituem o ponto culminante do livro.

Tivesse sido dada mais atenção à preocupação corporativa de Paulo, teria sido radicalmente outra a história da igreja. Por exemplo, as questões de eleição e predestinação, que por séculos dividiram a igreja, teriam sido bem diferentes, tivessem sido baseadas menos em um ponto de vista filosófico grego e se concentrasse mais no contexto geral em que Paulo fala. Quando quer que Paulo fale de eleição e predestinação, está pensando no *propósito*, de Deus para o Seu povo, e em um destino que não pode ser alterado pela inflexível teimosia dos indivíduos. Dessa forma, embora o povo de Deus

A disputa de Paulo com Pedro é fundamental para nossa compreensão desta epístola e, em grande parte, nossa apreciação da justificação pela fé.

tenha falhado (2:23 e 24), a palavra de Deus não falhou (9:6). O propósito de Deus está sendo executado por meio de um remanescente, escolhido por graça, que inclui tanto judeus como gentios.

O contexto corporativo

Para os Adventistas do Sétimo Dia, as implicações do contexto corporativo em que Paulo pregou sua mensagem da justificação pela fé nunca podem ser valorizadas em extremo. Acreditamos que a justificação pela fé, em verdade, a mensagem do terceiro anjo ou, em outras palavras, fundamental para nossa mensagem e missão para o mundo. Se a declaração de Jesus, de acordo com a qual nosso amor aos outros revela a genuinidade de nosso discípulo (João 13:35) não é suficiente, a conversa de Paulo com Pedro lembra-nos de que nossos atos falam mais alto do que as nossas palavras. Se o propósito da pregação de Paulo era derribar os muros de separação entre as castas humanas e erigir um templo vivo — uma objetiva lição da carne e do sangue, da graça de Deus (Efés. 2:13-18), então fariamos bem em nos concentrar nas questões práticas de relações humanas, muito mais do que em discussões teológicas.

Por exemplo, em que proporção minha igreja local “recebe pecadores e come com eles”? Se a justiça imputada, quando separada do jargão teológico, significa que Deus me aceita assim como estou por amor a Cristo, e devemos acolher-nos uns aos outros como Cristo nos acolheu (Rom. 15:7), podemos dizer que aceitamos a mensagem de Paulo se deixamos de aceitar os outros? Muitas pessoas, especialmente aquelas que lidam com gente aflita, têm-me dito com desalento que a igreja não é lugar para trazer-mos pecadores. É o procedimento da igreja um esforço no sentido de reafirmar nosso senso de religiosidade superior, ou estamos estendendo a mão para os leprosos sociais que nos rodeiam?

Se em Cristo “não há nem judeu nem grego”, até onde podemos estar satisfeitos com uma igreja de brancos de um lado da cidade e uma igreja de negros de crenças semelhantes do outro lado? Os teóricos da igreja provavelmente se desenvolvam para ressaltar o valor pragmático das missões, baseado nas identidades culturais. E as barreiras de linguagem também tornam as igrejas culturais uma necessidade. Todavia, estas igrejas deveriam ser consideradas como missões: um meio e não um fim. Quando nos institucionalizamos (às vezes chegando a nível de Associação) ao longo das linhas raciais, abrimos uma brecha permanente no corpo de Cristo. Nosso valor prático como lição objetiva da graça de Deus se perde, e a espiritualidade de nosso povo sofre. Quanto maior a extensão das divergências entre as pessoas com as quais nos associamos, tanto menor a possibilidade de que nossa percepção do evangelho seja influenciada por uma tendência cultural pessoal. E tanto maior a chance de uma vida espiritual mais rica e mais plena.

Até que ponto, nós e nossas congregações locais, estamos derribando os muros das barreiras sociais, e alcançando a todas as castas e clãs? Se não estamos ativamente derribando as barreiras sociais, estamos, por nossa cumplicidade, edificando aquilo que Cristo destruiu. Estes fatores podem ser um teste mais seguro de nossa compreensão da justificação pela fé, do que qualquer chibote teológico.

Acho que não somos bastante sensíveis ao milagre de Cristo entre nós e ao que significa para nós a missão ao mundo. Como diz o hino, o que o mundo necessita agora é de amor. Uma demonstração de amor fraternal entre os membros da igreja, demonstração que desconheça quaisquer barreiras ou limites, é um argumento irrefutável para aquilo que pregamos. Pode não ser tudo o que temos a dizer ao mundo, mas é o único meio que Cristo ordenou dizê-lo.

Tenho-me sentido bastante feliz por olhar do púlpito e ver milagres notórios da graça de Deus. Onde mais poderíamos ver jovens e idosos, ricos e pobres, brancos e pretos reunirem-se em tão íntimo companheirismo como na igreja de Deus? Pois sem Cristo nada temos em comum; com Cristo, porém, somos uma família.

Ex-membros: Planos Para Reconquistá-los

Por que só metade dos adventistas da América do Norte vai à igreja no sábado de manhã? Como podemos reconquistá-los?

Em média, pouco menos da metade dos adventistas do sétimo dia que vivem na América do Norte, encontram-se na igreja aos sábados. A maioria das congregações adventistas dos Estados Unidos e Canadá tem sérios problemas de afastamento da igreja. Muitos membros não freqüentam, e grande número deixa o convívio dos membros.

Durante o segundo trimestre de 1986, pediu-se que cada igreja local da Divisão Norte-Americana fizesse uma pesquisa semanal por ocasião do culto. A média obtida em cada Associação foi cerca de 50% do livro de membros, e os relatórios incluíam pessoas que não eram membros, como visitantes, crianças, etc.

Examinei pessoalmente várias pesquisas sobre freqüência, dirigidas por Associações e congregações, durante os anos 80, e em geral a média era de aproximadamente 50 por cento. Alguns desses estudos incluíam um exame de toda a lista de membros, nome por nome. Em quase todos os casos, de um terço a metade dos membros não havia freqüentado a igreja nos últimos 12 meses; e ao realizarmos estes estudos, não consideramos os que não podiam sair de casa.

A maioria dos membros que não freqüenta é, finalmente, riscada do rol de membros. Estima-se que haja em alguma parte por volta de um a dois milhões de ex-adventistas e adven-

tistas inativos na América do Norte. São pessoas que, tendo aceito no passado a mensagem adventista, de alguma forma escaparam pela "porta dos fundos".

Um anúncio bastante curioso, que vi no boletim da igreja, datado de novembro de 1985, falava de uma congregação que "consta de umas cem famílias que vivem na localidade. Sessenta delas são ativas. Destas, 40 devolvem o dízimo e 33 contribuem para as despesas da igreja local e um pouco mais". Uma ligação telefônica para o pastor, dava conta de que outros 20 — algumas famílias — continuam membros da igreja, mas já não vivem na área.

O índice de deserções desperta interrogações sobre a responsabilidade, boas relações e eficiência de nossas atividades orientadoras. Em sentido mais exato, ele revela questões ainda mais importantes quanto à vida e à estrutura da Igreja Adventista. Cremos, porém, que alguma coisa pode ser feita, relacionada com este inquietante problema.

Quem são estes desertores? Por que se tornam inativos? O que se pode fazer por eles? Foram concluídos seis importantes estudos por pesquisadores adventistas, desde meados de 1970, e foi publicado recentemente um resumo destes estudos no livro *Finding Lost Sheep* (Buscando a Ovelha Perdida).¹ Muito se tem aprendido sobre o assunto, que pode fornecer algu-

Monte Sahlín
Diretor-associado do departamento
dos Ministérios da Igreja da Divisão
Norte-Americana

mas respostas a estas questões.

Nossa responsabilidade é clara. Como diz Ellen White, "se a ovelha perdida não é trazida ao aprisco, vagueia até perecer. E muitas almas descem à ruína pela falta de uma mão estendida para salvá-las."²

Quem são eles?

A imagem natural de um "apóstata", que muitos de nós temos em mente, é a do operário de fábrica que foi batizado durante uma campanha evangelística recente, mas cedeu à pressão para que trabalhasse no sábado; ou a da mulher semi-analfabeta que, depois de alguns estudos bíblicos, teve um batismo emocional, mas nunca deixou definitivamente o cigarro e, dessa maneira, resolveu juntar-se a outra igreja, protestante, "porque eles ensinam a graça em lugar do legalismo".

As pesquisas, porém, retratam o desertor típico como alguém que cresceu na fé adventista; um adulto ainda jovem que recorreu ao divórcio ou nunca se casou; tem poucos amigos em sua igreja local; é profissional; mas não acha que o programa da igreja local lhe preenche as necessidades.

Sem considerar os que não podiam sair de casa, alguns estudos sobre freqüência à igreja revelaram que entre um terço e metade dos membros de algumas congregações não haviam freqüentado a igreja nos últimos 12 meses.

Um dos mitos mais amplamente defendidos com respeito aos desertores é que eles são o resultado do evangelismo público apressado e da forte insistência. Na verdade, metade deles nasceu em lares adventistas e só um em sete entrou na igreja por meio do evangelismo público. Quatro em cada cinco passaram mais de dois meses preparando-se para o batismo, e a maioria freqüentou regularmente a igreja durante seis anos ou mais.

"A igreja está perdendo seus membros mais jovens", diz Jerry Lee, cientista social da Universidade de Loma Linda, que pesquisou o problema. Aproximadamente metade dos desertores pertence a um grupo de pessoas que têm de 20 a 35 anos de idade, e a outra quarta parte tem entre 36 e 50 anos.

Lee diz também: "Os indivíduos pertencentes ao grupo dos desaparecidos e apóstatas referem-se mais provavelmente a divorciados." Os desgarrados são três vezes parecidos com os membros ativos, no sentido de se divorciarem e casarem outra vez, e quatro vezes na questão de se divorciarem e viverem sozinhos.

Metade dos ex-membros que Lee entrevistou, viviam sozinhos na época em que deixaram de freqüentar a igreja. Ardyce Sweem, diz em um relatório publicado na *Adventist Review* de 28 de abril de 1983, que cerca de 40% dos membros que viviam sozinhos jamais freqüentaram a igreja. Na verdade, "muitos adventistas solteiros frequentam as solenidades em igrejas de outras denominações. A solidão, especialmente na igreja adventista, talvez não seja coisa fácil".

As pesquisas obtidas de um número de O Ministério Adventista dos Solitários, revelam: "Sem exceção, as pesquisas indicam que os solitários deixam a igreja mais por falta de satisfação das necessidades do que por discordarem de assuntos teológicos", afirma Garland Day, ex-presidente dessa organização.

As pesquisas sobre membros inativos indicam estarem eles mais relacionadas com problemas da vida agitada e a busca de novos domicílios. Na verdade, de acordo com a pesquisa que supervisionou o Dr. Gottfriede Oosterwal, diretor do Instituto da Missão Mundial da Universidade de Andrews, acredita que as técnicas usadas para transferir membros de uma igreja local para outra, são praticamente responsáveis pela perda de membros.

Há indícios de que os desertores são pessoas que jamais se uniram com o grupo central de sua congregação, nunca se sentiram parte do "círculo interno". Dois em cada grupo de três participaram da igreja, enquanto eram membros ativos, apenas freqüentando, sem ter nenhuma função nem desempenharam alguma atividade voluntária na congregação. Eles disseram ter recebido poucas visitas dos membros da igreja ou pastores, mesmo quando eram membros regulares.

Ao mesmo tempo, continuam a ter um forte

senso de ligação com a Igreja Adventista. Apenas em torno de um em cada cinco se uniu a uma igreja de outra denominação quando deixaram a igreja adventista, e 75 por cento ainda acredita no sábado; 69 por cento ainda crê na segunda vinda; 53 por cento ainda aceita a função inspirada de Ellen White; 84 por cento têm ainda amigos adventistas.

Por que eles deixaram a igreja?

Em todas as pesquisas e entrevistas feitas com adventistas extraviados e ex-membros, três em cada quatro indicam que deixaram a igreja por razões que tinham que ver com seu relacionamento com pessoas e grupos. Menos de um em cinco a deixaram porque não mais criam em alguns ensinamentos da igreja.

“Falando de modo geral, o relacionamento interpessoal fraco na igreja era a razão mais freqüentemente citada “pela qual as pessoas deixam de freqüentar, diz o Dr. Roger Dudley, diretor do Instituto dos Ministérios da Igreja da Universidade de Andrews. Ele realizou um certo número de estudos do problema.

“Não houve absolutamente nenhuma prova de que alguém, fosse homem ou mulher, tivesse deixado a igreja porque já não cria nas doutrinas”, diz Harold K. West, de um estudo de 1.500 ex-membros que ele dirigiu quando diretor ministerial da Associação da Flórida. “Eles deixaram a igreja em virtude da maneira pela qual esta os tratou... As pessoas deixam a igreja porque esta já não lhes satisfaz as necessidades ou porque a igreja as desapontou.”

O afastamento da igreja é um processo longo e vagaroso, não uma mudança abrupta. John Savage, um pesquisador protestante interdenominacional, que serviu como consultor em um projeto da Associação da União Columbia de 1981 a 1985, identificou uma “pista de deserção” que abrange um período de seis a 18 meses. A fase principal da pista de deserção tem sistematicamente vindo à tona em centenas de entrevistas com adventistas inativos, levadas a efeito por pastores adventistas.

A pista tem início com certo número de acontecimentos desgastantes da vida, tais como conflitos matrimoniais, perda de emprego ou mor-

te de um ente querido, juntamente com tentativas sutis de buscas de ajuda. Quando o pastor e outros membros não reagem, os membros ofendidos ficam aborrecidos e deixam de freqüentar, esperando ser procurados. Em geral ninguém aparece para saber por que eles deixaram de ir à igreja, de maneira que procuram esquecer as recordações dolorosas e reinvestem seu tempo e energia em outro lugar.

Uma pesquisa realizada no Instituto dos Ministérios da Igreja da Associação Columbia Superior também salienta este quadro da pista de deserção. Os ex-adventistas mencionaram uma variedade de acontecimentos que finalmente os levam a não mais freqüentarem. Os mais mencionados incluem uma experiência desagradável com membros da igreja ou o pastor, insatisfação com o programa da igreja, dificuldade em guardar as ordenanças da igreja e problemas conjugais ou familiares.

Mas é injusto pintar um quadro dos desertores como um todo, achando que eles foram levados a erro por causa da igreja, adverte o cientista social Lee. Quase metade dos ex-membros que ele estudou condenaram coisas que aconteceram em sua vida ou em suas próprias atitudes, em lugar de à igreja ou outros membros.

O “apóstata” pode ser alguém que nasceu na igreja adventista ou que tem certa influência, socialmente falando, mas que considera o programa da igreja local insuficiente para suas necessidades.

O que se pode fazer?

O contato pessoal na forma de visita, tem-se demonstrado o instrumento mais bem-sucedido na recondução de membros desaparecidos e ex-membros. Literatura ou telefonemas podem suplementar esta entrevista pessoal, mas cartas, cartões e folhetos não têm sido eficazes quando usados independentemente.

“Os ex-membros achavam que seu afastamento não foi questionado”, diz Dudley. “Muitos citaram a total ausência de um programa de visita”, conta Oosterwal.

Em 1981, a Associação-União da Columbia iniciou um projeto de assistência às igrejas locais, no que respeita à recuperação de seus membros inativos. Duas dezenas de pastores receberam 40 horas de preparo de Recruta — o Laboratório I nas Artes de Visitação da Paróquia — e começaram a visitar os membros extraviados. Um ano depois, cerca de 20 deles receberam o Laboratório II e foram treinados como instrutores para que pudessem recrutar e preparar os membros da igreja para visitarem os inativos.

Na Associação Potomac, o evangelista Jac Colom dirigiu o Laboratório I e iniciou o ministério da visitação leiga em cerca de doze igrejas, como parte de seu preparo para campanhas. O índice de deserções entre os novos convertidos nessas campanhas foi significativamente reduzido.

Na Associação da Pensilvânia, três igrejas realizaram o programa. Duas dessas três igrejas tiveram sistematicamente o maior índice de crescimento e freqüência da Associação em vários anos. Em ambas as igrejas os grupos de visitantes leigos treinados continuavam o programa mesmo quando a liderança pastoral mudava.

Na Associação de Ohio foi feita uma avaliação cuidadosa das 35 igrejas que participaram de um plano piloto. De três a cinco anos após o programa ter sido iniciado, metade das igrejas ainda mantinha um programa regular de visitação. Os índices de retorno de membros inativos e ex-membros que foram visitados, passaram de 10 para 53 por cento.

A Associação de Ohio tem mantido recordes de freqüência em todas as suas igrejas desde 1970. Nos 15 anos que vão de 1970 a 1985, a média total de freqüência no sábado na Associação caiu para 12 por cento. Mas no último triênio (1984-1986), depois que a Associação manteve um esforço especial para treinar os membros e manter os ministérios de visitação nas igrejas, a média de freqüência aumentou para 2 por cento.

As associações da Carolina, do Nordeste e do Michigan também têm tido sucesso com os planos piloto nos quais os membros da igreja faziam visitas aos membros desaparecidos e ex-membros. “Estou convencido de que é um campo frutífero de salvação de almas”, diz Don

Gray, ex-diretor dos ministérios da igreja em Michigan durante o plano piloto.

O Dr. Ben Maxson, secretário ministerial e diretor-associado do departamento dos ministérios da igreja na Associação da Carolina, ajudou certo número de congregações deste campo a reaver membros desaparecidos. Baseado nessas experiências, ele acha que se ao menos metade ou um quarto das igrejas da América do Norte fizessem contato sistemático com os ex-membros em sua comunidade, voltaria a corrente de crescimento da igreja.

Estratégia votada pela comissão da DNA

Em sua reunião de Fim de Ano de 1988, em Mineápolis, a Comissão da Divisão Norte-Americana (DNA) votou levar a cabo um plano denominado Estratégia Volta-ao-lar, durante 1989 e 1990. Essa estratégia convida os adventistas ativos a estenderem a mão e trazer de volta a centenas de milhares de adventistas inativos e ex-membros, e inclui o alvo de que cada igreja local da Divisão visite todos os membros extraviados e ex-membros de seu território.

Uma pesquisa entre 1.500 ex-membros, revelou que nenhum deles deixou a igreja por já não crer em suas doutrinas.

A Estratégia Volta-ao-lar pede que os membros da igreja que foram treinados com essa finalidade, ao visitarem, ouçam, em lugar de simplesmente fazerem apelos sociais ou “pregarem” aos desertores. Recomenda-se que as igrejas indiquem em seu calendário tempo livre específico para treinamento e visitação.

O documento salienta também a necessidade de os membros da igreja desenvolverem uma atmosfera de amor, aceitação e perdão na qual receber os desertores que retornam. A fim de concentrar a atenção de toda a congregação quanto a mostrar-se receptiva para com os membros que retornam, pode ser útil programar “Sábados Volta-ao-lar”, quando é anunciado um pro-

grama especial com bastante antecedência, para se providenciar incentivo adicional de presença. Pedem-se às igrejas locais que considerem a programação um "Sábado Volta-ao-lar" no mínimo três vezes durante 1989 e 1990.

Para anunciar este objetivo às igrejas locais e solicitar-lhes a participação, foi enviado pelo correio a cada pastor e primeiro ancião um pacote com informações. Este inclui um guia de planejamento e todos os pormenores relacionados com os recursos materiais disponíveis à sustentação da estratégia.

"A liderança da Divisão age com seriedade ao despertar a atenção dos pastores e membros da igreja, e ajudá-los a levar a efeito esta questão vital", diz J. Lynn Martell, diretor dos ministérios da igreja da DNA. Na verdade, muitas Associações já começaram a pôr em prática a questão, classificando-a como o número

dois entre os problemas com os quais elas desejavam ajudar em uma pesquisa dirigida dois anos atrás pelo *staff* dos ministérios da igreja da DNA.

"Os pastores têm um papel importante a desempenhar nesta oportunidade salvadora de almas", comenta William C. Scales Jr., secretário da Associação Ministerial da DNA. "Chegou o tempo de equipar nossos membros e animá-los a sair e fazer contato com estas almas preciosas que já aceitaram nossa mensagem, mas que de alguma forma se perderam ao longo do caminho."

1. Uma bibliografia completa destes estudos está à disposição no *Finding Lost Sheep*, de autoria de Fordyce Detamore (Hagerstown, MD: Review & Herald Pub. Assoc., 1989).
2. Parábolas de Jesus, pág. 191.

Como Renovar Seus Conhecimentos de Grego

Não é tão difícil quanto parece, você renovar seus conhecimentos de grego. Com uns poucos livros úteis, mencionados pelo autor, pode-se fazer um bom progresso.

Minha profissão era outra quando vim para o ministério, e meus conhecimentos de grego resumiam-se a um curso rápido de seminário de 20 semanas para os que, como eu, não haviam estudado esta língua durante dois anos, ao fazerem teologia.

Foi uma boa experiência. Minha professora era uma lingüista e excelente mestra. Embora eu não seja, logicamente, nenhum erudito, quan-

"Verifiquei que era muito mais difícil recorrer ao grego quando eu tinha que escolher uma passagem, às vezes na mesma semana em que pretendia usá-la."

Maylan Schurch
Pastor da igreja adventista costeira
de Seattle, Washington

do terminei o seu curso “intensivo” de cinco meses, podia — ao menos nos Evangelhos — dominar bem meu Novo Testamento Grego de cor marrom, e sabia como usar o material de estudo para pesquisar o que eu não conhecia.

Quando, porém, me foi designada a primeira igreja — e com esta a luta semanal de preparar o assunto do sermão, atender a ligação telefônica, fazer visitas, dar classe bíblica e fazer reuniões de oração, comecei a descer a rampa escorregadia em que a maioria dos alunos de grego finalmente deslizam. E ao chegar embaixo, lembrei-me com pesar das modestas notas que tirei na escola, quando mal sabia o que significavam as palavras *Kai, de e luo*.

A idéia de sair agarrando-me pela encosta não me agradava — pois eu achava que havia apenas dois caminhos para chegar ao alto, e eu não gostava de nenhum deles. Resolvi então que teria de confiar em minhas interlineares e esperar que George Ricker Berry, Alfred Marschall ou Jay P. Green traduzissem sempre corretamente; ou pegar meu Novo Testamento Grego e meu dicionário de Bauer-Arndt-Gingrich na estante que ficava atrás de minha mesa de trabalho, sacudir a poeira e pôr-me a escrever exaustivamente a tradução, palavra por palavra.

Eu estava errado

Há um terceiro caminho — um caminho grandemente mais fácil — que se pode trilhar para recordar o grego. Eu os advirto: ele não é convencional, e pode causar muito incômodo entre os puristas. Mas não só tornou o grego novamente bem familiar a mim, como está dando muita vida aos meus sermões.

O que estou sugerindo, produz melhor efeito se no começo da semana você já souber o texto básico ou passagem que deseja pregar no final da semana seguinte. Verifiquei que era muito mais difícil recorrer ao grego quando eu tinha que escolher uma passagem, às vezes na mesma semana em que pretendia usá-la. Quanto antes eu soubesse a passagem bíblica, mais tranqüilo me sentia com respeito a tomar tempo para o estudo do grego. Formei o hábito de planejar o texto básico de meus sermões com um ano de antecedência.

Bem, vou dizer-lhes o que me aconteceu quan-

do procurei recordar o estudo do grego.

Investi em alguns livros

Primeiramente, investi na compra de algumas “ferramentas”.

Não estou ganhando nenhuma comissão pela propaganda do *Novo Testamento Grego- Inglês* de Nestle-Aland (NTGINA), mas afirmo com convicção que este livro pode ser a chave para você recuperar o seu conhecimento de grego. O NTGINA custa cerca de 15 dólares, talvez um pouco mais em algumas livrarias, mas é um tesouro. Trata-se de um pequeno volume, com as mesmas dimensões do *Novum Testamentum Graece* de Nestle, mas com o dobro da espessura. Até metade de suas páginas ele contém o texto e os mecanismos da 26ª (a mais recente) de Nestle; e nas páginas seguintes a Revised Standard Version (RSV) de 1971 com um mecanismo que contém variantes tiradas da King James Version (KJV), da English Revised Version (1881), da American Standard Version (1901), da RSV de 1946, e da edição católica da RSV.

Dessa forma, por que deveria você gastar 15 dólares na compra deste livro?

Imagine-se na cama num domingo à noite. Você escolheu a passagem do sermão da semana seguinte, e deseja ler por você mesmo para ir deitar-se pensando nele. Toma então seu NTGINA e começa a estudar a RSV.

Uma palavra lhe atrai a atenção. Parece desconhecida, e você desconfia de que ela foi traduzida de maneira diferente na KJV. Mas, em lugar de pegar os livros e começar a examiná-los, você simplesmente passa os olhos no pé da página. Bastante seguro, observa que a KJV indica uma palavra diferente, talvez mais arcaica.

Muito bem, o que significava aquela palavra no original? De novo, não há necessidade de ir ao seu escritório apanhar o seu Novo Testamento Grego. Simplesmente passe os olhos pela página dianteira do NTGINA. Com um pouco de imaginação, juntamente com uma eliminação inteligente dos *Kai, hoti e autou*, há grande possibilidade de você achar a palavra que corresponde ao inglês.

Percebe quão valiosa é esta ferramenta? Ela não é útil apenas para se ler na cama; é também, cômoda para ser levada no carro.

Agora que você já encontrou a palavra grega que desejava, ou pelo menos a resumiu a duas ou três possibilidades, o que deve fazer para conseguir uma tradução precisa? Você se levanta da cama, vai até o escritório, tira o seu dicionário de Bauer-Arndt-Gingrich da estante e o leva de volta para a cama?

Não, se você estiver disposto a gastar um pouco mais de dinheiro. Se já não tiver um, adquira um bom dicionário manual. (*Manual* significa que pode realmente segurá-lo sem forçar os tendões do punho.) Um dicionário clássico que foi reimpresso recentemente é *A Manual Greek Lexicon of the New Testament* de Abbott-Smith. É leve e fácil de manusear, e não só lhe dá uma tradução inglesa precisa, mas oferece uma sugestão erudita no arriscado empenho de buscar a raiz da palavra. Ele o informa também, caso esteja interessado, se a palavra grega que você está procurando foi usada na Septuaginta e, em caso afirmativo, de que palavra hebraica foi traduzida.

Você pode preferir, em lugar disso, o dicionário *A Concise Greek-English Dictionary of the New Testament* de Barclay Newman. Este é o dicionário impresso na parte posterior de algumas edições do Novo Testamento Grego da Sociedade Bíblica Americana. É um bom dicionário, e conquanto não diga tudo o que diz Abbott-Smith, você pode achá-lo um pouco mais fácil de usar, no começo. Ou pode querer em lugar disso uma edição abreviada de Bauer-Arndt-Gingrich.

Xerox do texto grego

A seguir, inicie a prática de tirar xerox do texto grego da passagem de meu sermão para fazer anotações. Use o Novo Testamento Grego da Sociedade Bíblica Americana para esse fim, porque o tipo é maior. Depois de tirar xerox da página que contém a passagem, remova os bordos escuros da cópia e faça várias cópias mais só do quadrado arrancado. Dessa forma, termino com a passagem grega inteiramente no centro de uma folha de papel branca, com bastante espaço de todos os lados para fazer anotações. Usando o NTGINA e o Abbott-Smith, familiarizo-me como o grego. A seguir, faço uma descoberta interessante no texto, e acres-

cento um círculo em torno da palavra ou frase grega e anoto na margem.

“Se você estudou o grego na sala de aulas, já leva uma vantagem sobre alguém que não estudou — mesmo uma pessoa leiga que possa ter feito algum estudo particular.”

Durante os vários dias que se seguem, continuo fazendo outras anotações ou comentários na folha. Depois, no fim da semana, quando ajunto todo este estudo lingüístico às verdades teológicas que descobri, sinto a grande satisfação de saber que cheguei muito mais perto do verdadeiro significado do texto, do que poderia ter chegado de outra maneira.

Meu NTGINA, meu Abbott-Smith e a página de grego xerografada, trouxeram-me um certo grau de eficiência no uso do Novo Testamento Grego, mas o prazer começou realmente quando aceitei outro desafio.

Lecionar o grego

Depois de respirar profundamente, e após ter-me preparado bastante, dei cinco aulas intituladas “Divertindo-se com o Grego” para pessoas leigas. Isto não é tão alarmante quanto pode parecer. Se você estudou o grego na sala de aulas, já leva uma vantagem sobre alguém que não estudou — mesmo uma pessoa leiga que possa ter feito algum estudo particular. Se você não faz reivindicações extraordinárias para você mesmo, se prepara cuidadosamente as aulas e de fato se apegar às coisas essenciais (como a maneira de pronunciar as palavras, ler e traduzir João 1:1 e 3:16, usar uma concordância de Young ou de Strong ou uma interlinear corretamente) não tem o que temer.

Há mais de uma razão por que você pode desejar envolver-se no ensino básico do grego às pessoas leigas de sua igreja. Em primeiro lugar, na realidade, ensinar aumenta sua própria

eficiência — quando você ensina a outra pessoa, aprende um pouco mais sobre o assunto do que aprenderia de outra maneira. Também, a demanda por esse tipo de estudo está aumentando. Em quase todas as livrarias religiosas você encontrará um ou dois anúncios que tratam de aulas de grego nas igrejas locais.

Além do mais, ao ter a sua própria classe, você oferece uma oportunidade não só de explicar a língua aos membros de sua igreja, mas de mostrar as crenças de nossa denominação de acordo com o grego original. E o ensinar tais classes, mostra aos membros e aos outros que da mesma forma que seus médicos, dentistas

e advogados conhecem seus assuntos muito melhor do que as pessoas leigas, você também desceu às profundezas de sua disciplina.

Finalmente, quando você instrui suas classes, você se alegra com elas quando juntos partilham a enorme confiança que o cristão de hoje pode ter nas Sagradas Escrituras que Deus protegeu tão cuidadosamente através dos séculos.

Não me considero como tendo sido obcecado em recordar o grego. Não desisti de meus outros deveres ministeriais para concentrar-me neste. Usando os implementos que mencionei, permiti que o fato acontecesse. E ele realmente ocorreu.

Entrevistas Pré-Nupciais

O presente artigo constitui uma contribuição do autor aos pastores que forem solicitados a aconselhar jovens que pretendem casar-se. Os métodos podem ser aperfeiçoados.

Quando dois tímidos jovens se aproximam do pastor, pedindo-lhe que officie na cerimônia nupcial, oferecem ao ministro a oportunidade de aconselhá-los para que conheçam todas as diferenças existentes entre o matrimônio feliz e o que o não é. Alguns pastores se estabelecem a regra de não casar um par sem que haja tido com eles uma entrevista prévia para nela abordar as condições básicas de um lar cristão feliz. Os jovens anseiam fervorosamente auxílio e orientação com o objetivo de que o consórcio tenha êxito, e respondem com sinceridade se sabem que o ministro é capaz, compreensivo, e está realmente interessado em auxiliá-los sem divulgar suas confidências.

Hoje em dia, quando os divórcios e os lares fracassados são coisa comum, quando milhares de consórcios aparentemente firmes, cambaleiam e permanecem de pé unicamente pela pressão social e econômica ou por crença religiosa, é dever do pastor preparar-se convenientemente por meio da leitura e estudo, para fornecer a tão necessitada ajuda. Aconselhar e ajudar a juventude em seu preparo para um casamento cristão, deverá tornar-se parte absolutamente indispensável da obra pastoral.

Todo par, ao compreender antecipadamente a profunda significação da vida matrimonial, anela que sua união seja bela e fecunda. Estão interessados em saber quais são as suas probabilidades de êxito no matrimônio, quando há

Cliford A. Reeves
Evangelista da Associação do Sul
da Nova Inglaterra, quando escreveu
este artigo

tantos lares infelizes e fracassados. Quando os jovens pedem ao pastor que realize a cerimônia ou chegam a conversar acerca dos planos de núpcias, ele pode sugerir-lhes discretamente que está interessado e habilitado para fornecer-lhes alguns conselhos. Por certo, o valor e o resultado desses procedimentos dependem, naturalmente, da participação voluntária dos jovens que irão contrair o enlace. Em seu livro intitulado "*Pastoral Counseling*" (Conselho Pastoral), diz Carroll A. Wise:

"Nesta entrevista o pastor se torna emocionalmente acessível ao par. Tratará de formar uma amizade que proporcione confiança e liberdade para expor qualquer problema, se é que desejam fazê-lo. Ele, porém, há de considerá-los tais como se vêem a si mesmos. *O ministro não deve perguntar nem sermonear*. Se o par pertence à sua igreja, deverá ele haver já formado amizade com eles por meio de seus contatos pessoais. Se o par é-lhe desconhecido, será oportuno que lhes diga que se sentirá feliz em com eles conversar acerca... da adaptação conjugal, se o desejam." (*Grifo nosso*.)

Quando for estabelecida essa relação amistosa, o pastor pode convidá-los para conversarem com ele, precisamente nesse tempo em que há grande necessidade de conselho e orientação. Assim haverá oportunidade de trazer à balha, com tato, os problemas que provavelmente os jovens vacilam em expor. São vários os critérios dos ministros acerca de quanto deveria dizer-se dos mais íntimos aspectos físicos do casamento. De minha parte, penso que o melhor procedimento consiste em encaminhar os jovens a um médico que se saiba ser cristão, preferentemente um dos nossos médicos adventistas, casado e com filhos. Ele estará apto para dar todos os conselhos necessários no tocante ao preparo e adaptação física para o casamento e as relações sexuais. Em geral aconselho tanto o homem como a mulher a que efetuem um exame físico geral juntamente com o pré-nupcial, de sangue, exigido em vários países. Se cada pastor pudesse fazer os arranjos necessários com um médico capacitado que tenha desejos de cooperar com este plano, e que cobre honorários razoáveis, muito se poderia fazer para auxiliar os futuros recém-casados.

Prefiro ter duas entrevistas com os noivos antes da cerimônia nupcial. A primeira pode realizar-se pelo menos um mês antes do casamento, e a segunda, umas semanas depois da

primeira. Uma vez que o par sente confiança em falar do que mais lhes interessa, animo-os a interromperem a conversação em qualquer ponto para fazerem as perguntas que desejam. No final da primeira entrevista, depois de terminada a oração, entrego a cada um um bom livro acerca do matrimônio e insto com eles para que *ambos* o leiam antes da seguinte entrevista. Alguns livros que servem para este propósito são:

O Lar e a Saúde, de Ellen G. White.

Livres Para Amar, do Dr. Mário Veloso.

Felicidade Conjugal, do Dr. Haroldo Shryock.

Na segunda entrevista menciono alguns dos assuntos tratados no livro que emprestei, e desse modo se abre o caminho para que façam as perguntas que possam haver surgido de sua leitura.

Entrevista sugestiva

O

que a seguir se sugere é uma conversação típica, que abranja assuntos que possam tratar-se com proveito numa entrevista com os futuros esposos. Por certo, podem surgir muitas variadas perguntas e problemas que se animará a apresentar no transcurso da conversação. Esta pode ser introduzida, depois de um momento de oração em que se instará com o noivo e a noiva para participarem, juntamente com o pastor, das palavras registradas em S. Mat. 19:4 e 5: "Não tendes lido que Aquele que os fez no princípio, macho e fêmea os fez, e disse: Portanto deixará o homem pai e mãe, e se unirá à sua mulher, e serão os dois uma só carne?"

A maior felicidade conhecida sobre a Terra encontra-se através do matrimônio em lar cristão. Essa felicidade, porém, não vem por acaso. Chega aos que desde o próprio dia de suas bodas tomam a determinação de ter êxito e de fazer da edificação de um lar cristão sua ocupação primordial na vida em comum.

Rodeados dos bons desejos de vossos amigos, os primeiros quilômetros de vossa viagem juntos serão fascinantes. Cedo, porém, a lua-de-mel submergirá no inquieto mar da vida. A cena de "raios de lua e rosas" transformar-se-á noutra de "raios de sol e pratos para lavar". Então, enfrentareis as rudes realidades da vida.

O casal feliz, que é a espécie de casamento que Deus deseja que tenhais, não é alguma coisa que vos advirá por acaso ou acidentalmente. Ao contrário, é um prêmio excepcionalmente precioso que deve ser alcançado com o auxílio de Deus por meio de uma vida inteligente, desinteressada e de oração — vivida um para o outro.

Disse-se com acerto que quando um homem e uma mulher se unem no santo matrimônio, sua união pode efetuar-se em um, dois ou três planos diferentes de vida: o físico, o físico e intelectual, e o físico, intelectual e moral. O plano de Deus é que vosso casamento, para vossa felicidade mais completa, tenha como resultado a união nesses três planos.

Quando o verdadeiro amor vos possui, é ele tão belo e profundo que se aproveita de tudo quanto sois e de toda a vossa vida para expressar seu pleno significado. O amor verdadeiro santifica e ajuda a controlar o impulso sexual. Devemos lembrar-nos sempre de que Deus criou o sexo, e tudo quanto criou para nós, é puro e edificante, sagrado e belo, quando compreendido e empregado corretamente. Certo é que o sexo pode ser degradado, mas não é necessário que tal coisa aconteça. E se ides ao casamento sem a compreensão adequada da verdade divina do sexo, não estais plenamente capacitados para dar esse passo. Um escritor cristão declarou que o sexo tem três propósitos para preencher na vida, a saber: o primeiro, é assegurar a perpetuação da raça humana; o segundo, proporcionar prazer ao esposo e à esposa ao participarem de suas manifestações mútuas de amor; o terceiro, conseguir a identificação de ambos, já que promove a harmonia e os une até que chegam a ser uma só entidade.

Essa união, no plano físico apenas, porém, não é suficiente para proporcionar o ideal de felicidade ao casal. Vossos interesses mútuos devem abranger, naturalmente, o trabalho do esposo, o cuidado do lar, o desenvolvimento intelectual, a música, os entretenimentos, os amigos e muitos outros aspectos. Aos interesses desta espécie é que me refiro quando falo da união no plano intelectual, social e cultural. Geralmente certo é que um esposo e uma esposa que têm muitos interesses e amigos em comum, vejam-se ligados mais firmemente e achem que a vida se lhes torna mais interessante.

Ao passo que a esposa se dedica a atender à casa, também deve ampliar seus horizontes, a

fim de estar capacitada para abordar inteligentemente diversos assuntos. A esposa precisa de bom senso, de incentivo generoso da ambição, da capacidade de compreender o trabalho do esposo. A maioria dos homens não reconhece o papel importante que sua esposa desempenha na formação de seu próprio futuro. Alguns patrões não empregam uma pessoa sem saber se sua esposa será um elemento de êxito. Um comerciante de êxito disse, recentemente: “Detrás de cada homem de êxito existe uma mulher que sabe com precisão em que ponto ele necessita ser impelido e quando deseja ser animado. Ela deve animá-lo quando está deprimido e manejar as rédeas quando dá sinais de estar desencaminhado, perseguindo coisas sem valor. Deve estar interessada na carreira do esposo, compreendendo que é sua própria carreira, e que ela pode levá-la ao êxito ou arruiná-la.”

Sobretudo, porém, lembrai-vos de que vosso casamento não pode alcançar felicidade completa se exclui dele a Deus. O matrimônio é uma instituição divina. Por isso incluí a Deus no lar que estais para estabelecer. Lede juntos a Palavra de Deus, e juntos orai cada dia. Verdade inegável é que “a família que ora unida, permanece unida”. Não me chegou ao conhecimento que casal nenhum que orasse regularmente juntos, houvesse pedido divórcio. Portanto, fazei que vosso vínculo de união mais profundo esteja na região íntima da alma em que se encontram a consciência e os verdadeiros ideais. Desse modo, a divina mão protetora vos conduzirá e, por meio de Seu amor eterno, o amor que sentis um ao outro será fortalecido e firmado para sempre.

O matrimônio é a mais estreita e íntima das relações humanas, e por isto existe um processo durante o qual o homem e a mulher aprendem a viver em companhia e se ajustam mutuamente. Devido a não haver duas pessoas iguais, pode esperar-se que dois indivíduos procedentes de lares diferentes e de temperamentos e gostos diferentes se enamorem, e posteriormente se casem, surjam divergências e devem fazer-se adaptações. Tendo isto em conta, perfeitamente normal é que por vezes os esposos tenham opiniões radicalmente opostas. Às vezes esses conflitos em realidade aliviarão a tensão, e o matrimônio se verá fortalecido por essas diferenças, quando adequadamente dirigido. Por certo, sempre deverá ser lembrado que existe uma diferença entre os desacordos construti-

vos e os destrutivos. Nem sempre estareis de acordo, e por isso será bom que aprendais a dis-sentir com amor. Um velho filósofo deixou-nos para essas ocasiões, estes bons conselhos:

“Nunca vos zangueis os dois ao mesmo tempo.”

“Nunca faleis desprezivelmente um do outro, quer sós quer em presença de terceiros.”

“Nunca griteis, a menos que a casa esteja pegando fogo.”

“Nunca lembreis ao outro os erros passados.”

“Nunca vos encontreis sem dedicar-vos uma saudação amorosa.”

“Nunca esqueçais as horas felizes de vosso primeiro amor.”

“Esforçai-vos por atender tão a miúdo quanto possível aos desejos do outro.”

“Nunca façais em público uma observação em detrimento do outro.”

“Não permitais que o Sol se ponha sobre alguma zanga ou discussão.”

Conta-se a história de um casal que estava sempre discutindo e altercando. Finalmente traçaram um plano que lhes permitiria viver em paz. Decidiram que quando ele fosse mal no escritório e chegasse à casa com vontade de explodir, deixaria o chapéu cair sobre a testa, e desse modo a esposa compreenderia. E não importa o que ele dissesse, deveria ela manter-se em silêncio sem responder uma única palavra. Mas nos dias em que as coisas houvessem andado mal em casa e fosse ela quem passasse um mal momento, levantaria o avental e, ao ver isso o esposo, não deveria dizer nada, não importa quantas coisas ela dissesse. Ambos seguiram esse plano, e tudo parecia ir muito bem. Certa noite, porém, ao regressar ele pelo caminho do jardim, com o chapéu caído sobre a testa, viu abrir a porta a esposa, com o avental levantado. Que iria acontecer? Que fariam? Fizeram a coisa mais judiciosa que poderia ocorrer — puseram-se a rir de boa vontade os dois.

Amigos, se existe uma verdade evidente é esta: O casamento de êxito é o resultado do propósito definido de êxito da parte de *ambos*. Temos que aprender a como viver com um esposo ou com uma esposa. Não espereis perfeição. Um casal é o produto de um crescimento lento, e sua felicidade não chega repentinamente. Ambos tendes que esforçar-vos por ela. Não se casa a pessoa e imediata e automaticamente é feliz dali em diante. Certo é que a princípio o amor romântico tem muito que ver e proporciona profunda e estimulante experiência emo-

cional quando a atração física atua com força. Mas depois de algum tempo começa a surgir em vossa relação conjugal um amor estável e seguro, uma profunda devoção mútua que vos une com mais firmeza, como resultado dos sabores e alegrias partilhados por ambos na vida diária. Ambas essas espécies de amor são necessárias. Ambas devem combinar-se e completar-se. O amor romântico é desejável e necessário, mas o amor conjugal é inteiramente essencial para que o casamento perdure.

Setores perigosos

Nas relações matrimoniais existem certos setores onde se originarão problemas, a menos que ambos estejais em guarda. A causa mais freqüente de dificuldades em qualquer sociedade é o dinheiro. Tem-se dito que nove décimos dos problemas e discussões entre esposos se originam em torno das finanças. Um escolho por cuja culpa naufragaram muitos casamentos é o desperdício. Para algumas esposas — e esposos — é difícil aprender a viver de acordo com o rendimento familiar. Um esposo tacanho e mesquinho, que guarda no Banco tanto dinheiro quanto pode e vigia os gastos da esposa, está dando lugar a dificuldades e rugas, tão seguramente como quem, por causa de seu orgulho, gasta uma quantidade desproporcional de seus rendimentos em coisas consigo próprio. Ambos deveis ter algum dinheiro de vossa propriedade exclusiva e que possais empregar sem dar contas ao outro. Depois de experimentar durante algum tempo o manejo do dinheiro, dar-vos-eis conta de que na generalidade dos casos, a esposa é, dos dois, a mais hábil nesse sentido.

Outro setor que dá origem a problemas é o das relações com os parentes. Conquanto não vos deis conta disso agora, já vereis que quando vos casais não o fazeis unicamente com a pessoa que amais, mas com toda a sua família. Portanto, observai bem vossos futuros parentes; aprendei a apreciá-los e a compreendê-los. Isto não significa de modo algum submissão cega nem obediência a todos os seus desejos. Reservai vossos próprios problemas como vos seja possível. Não converseis a seu respeito com vossos parentes e amigos.

O Dr. Clifford R. Adams, em seu livro *Prepa-*

ring for Marriage (O Preparo Para o Casamento), sugere que façais a vós mesmos algumas perguntas:

“Tendes em comum muitos interesses e coisas que gostais de fazer juntos?”

“Estais orgulhosos de vosso futuro companheiro ou companheira, e nada há do que a ele ou a ela diga respeito, de que devais envergonhar-vos ou pedir desculpas?”

“Sentis forte desejo de agradá-lo, ou agradá-la, ainda que signifique abandonar vossas próprias preferências?”

“Tendes absoluta confiança no que ele ou ela diz ou faz?”

“Tem ele ou ela as qualidades que desejais

ver em vossos filhos?”

“Admiram vossos parentes e amigos íntimos a pessoa em quem tendes interesse, e aprovam eles vosso casamento?”

“Podeis discordar mas permanecer afáveis, amorosos e respeitosos, um para com o outro?”

“Tendes muitos amigos em comum?”

“Haveis-vos preocupado em pensar nos assuntos que se referem aos dois, em vez de nos que se referem a vós exclusivamente?”

“Planejastes já, pelo menos em vossa própria mente, a cerimónia conjugal, e imaginastes o que será de vosso lar?”

Não são boas perguntas para conhecer o grau de preparo individual para o casamento?

O Programa Diário do Pastor

Nos cinco tópicos tratados neste artigo, o autor procurou dar um roteiro do programa que tornará de maior sucesso a vida do pastor. Conhecer estes tópicos poderá fazê-lo aumentar o êxito de seu ministério.

Como pastores, é-nos um constante problema saber como organizar e planejar nosso trabalho de maneira que seja bem ajustado na distribuição do tempo. Há uma contínua corrente de exigências a pressionar-nos constantemente. Para que possamos pôr em prática um plano bem equilibrado, será bom considerarmos o que é essencial em nosso programa diário. Na consideração deste assunto, enquadrei sob seis tópicos, o mínimo essencial, abordando o problema elementarmente, tal como se aplica ao pastor.

Pregação

A importância da pregação não pode ser sobrestimada. Ela permanece como a principal tarefa do pregador, pois todas as fases do ministério estão envolvidas no chamado para pregar, como o afirma G. Ray Jordan: “Nada há que possa tomar o lugar daquele que diz — e como diz — quando se põe perante a congregação para falar por Deus em nome de

Orley M. Berg
Pastor-Evangelista da Associação
Sul da Califórnia, quando escreveu
este artigo

Cristo.” — *You Can Preach*, pág. 15.

A pregação precisa ser apresentada supremamente bem. O que quer que o pregador seja ou não seja capaz de fazer, é certo que ele precisa ser capaz de proclamar o evangelho eficientemente. Spurgeon declara:

“Vosso preparo para o púlpito deve ser vosso primeiro cuidado, e se o negligenciais, não estareis granjeando crédito sobre vós e vosso ofício.” E acrescenta: “Não creio no ministério que ignora o laborioso preparo.” — *Spurgeon Lectures*, pág. 80.

“Um púlpito ignorante é o pior de todos os flagelos. Um púlpito ineficaz é o mais lamentável de todos os escândalos.” Assim fala Charles Edward Jefferson, e prossegue: “A causa de Cristo é desesperançadamente embaraçada e bloqueada, quando os pregadores cristãos se esquecem de como pregar.” — *The Minister as Prophet*, págs. 13 e 14.

A pregação é o eixo em torno do qual revolve toda a obra do ministro. Deve ela ser o resultado de penoso esforço, de cuidadoso e intenso estudo, oração e, algumas vezes, lágrimas. O ministro não se pode permitir abusar das oportunidades que o serviço da pregação propicia, nem malbaratá-las. Por uma pregação de trinta minutos a uma congregação de duzentas pessoas, vos fazeis responsáveis por uma centena de horas de seu tempo. E o que puserdes nesses trinta minutos de sermão pode determinar-lhes o destino eterno.

É imperativo, portanto, que em suas atividades o ministro reserve tempo suficiente para estudo e oração, a fim de preencher convenientemente a responsabilidade primária para com seu povo e para com seu Deus, que é, alimentar verdadeiramente o rebanho do Senhor. Deve eliminar sem piedade, de seu programa, as inúmeras pequenas ocupações que podem incapacitá-lo para fazer bem esta tarefa maior.

Visitas

O tempo despendido nos lares do povo é de vital importância, se se deseja que a pregação seja eficaz. Pregação eficaz e fiel pastoreio do rebanho são dois elementos indispensáveis na atividade do ministro. Da mesma for-

ma como deve o programa prover tempo suficiente para o sermão, deve-o para a visitação.

Comentando esses dois aspectos da obra de um ministro, diz George A. Buttrick: “Gastando a sola dos sapatos e os pneus do automóvel edificais uma igreja espiritual. Podeis mantê-la unida pela pregação digna.” — Citado por Andrew W. Blackwood, em *Pastoral Work*, pág. 13. E no livro *Pastoral Leadership*, declara o Dr. Blackwood que, embora consideremos os vários deveres ministeriais, “em todo o tempo devemos considerar o ministro principalmente um pregador e pastor, antes que um programador e promotor de paróquias.” — Pág. 20.

O ministro é um pastor, o pastor do rebanho. Ele deve velar pelas ovelhas e alimentá-las. Para fazer isso precisa conhecê-las pelo nome, e conhecer-lhes as disposições, necessidades e hábitos. Esta tarefa do pastoreio é feita muitas vezes fora das vistas, onde não há multidões nem aplausos. Nunca é espetacular. É trabalho humilde. É como R. Allan Anderson o declara em seu livro *Shepherd-Evangelist*:

“A obra de pastorear é arriscada, constante e exaustiva. Talvez seja esta uma das razões por que muitas pessoas a passam por alto. Contudo, é a obra mais admirável que Deus já entregou aos homens.

“Ao dizer Jesus: ‘... conheço as Minhas ovelhas, e das Minhas sou conhecido’, Ele assentou o princípio de todo o bom pastoreio. A força de um pastor consiste em grande parte em conhecer o rebanho.” — Pág. 559.

Com efeito, o conforto e cuidado do povo torna-se o maior fardo para o verdadeiro pastor. E é de sua íntima associação com os homens do povo que nascem os mais benéficos sermões.

Atividades de organização e pormenores administrativos

O ministro é, entre outras coisas, um administrador. A igreja é uma organização e o ministro é sua cabeça. É em certo sentido uma máquina, e precisa manter-se em funcionamento. Deve-se procurar reduzir o atrito, lubrificar as rodas, fazer reparos, submeter toda parte do mecanismo a constante pesquisa e supervisão, para que a máquina possa fazer o

trabalho para que foi criada. A obra administrativa é importante. Se o ministro negligenciar a organização, virá logo a derrocada. Há pormenores de negócios que considerar, há o planejamento da obra, a correspondência para manter em dia, é preciso ter em mente a supervisão geral dos planos.

Uma parte do programa deve prover tempo para toda esta variada matéria. Deve exercer-se grande cuidado, não suceda venham essas minudências a usurpar grande parte das horas que seriam melhor ajustadas para devoção pessoal e estudo criador.

Devoção pessoal

Em I Tim. 4:16 lemos: “Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina: persevera nestas coisas; porque fazendo isto, te salvarás, tanto a ti mesmo como aos que te ouvem.” Ellen G. White cita este passo e então o comenta:

“O ‘ti mesmo’ vem em primeiro lugar. Dai-vos primeiramente ao Senhor para a purificação e santificação.... Buscai em Cristo aquela graça, aquela clareza de entendimento que vos habilitarão a fazer uma obra bem-sucedida.” — *Obreiros Evangélicos*, pág. 101.

Devemos ter sempre em mente que é Cristo quem nos capacita para fazermos um trabalho bem-sucedido. Nem sempre que nos parece estarmos mais ocupados estamos produzindo o máximo. No maravilhoso livrinho intitulado *Communion Through Preaching*, Henry Sloane Coffin faz esta afirmação:

“Aquilo que tem caracterizado a igreja em seus períodos de poder — a presença e operação do Espírito — está infelizmente ausente de muitas congregações. O pastor e o povo podem ser conscienciosos, persistentes, engenhosos na criação de métodos. Sua igreja pode dar a impressão de animada atividade; seu calendário semanal indicar um grande número de reuniões, e seu pastor ter suspenso da parede um gráfico de inter-relações de todos esses grupos e granjear a reputação de administrador hábil; mas os frutos em lares e vidas reformados e em influência espiritual na comunidade podem estar lamentavelmente faltando.” — Pág. 22.

Se queremos desfrutar em nossas igrejas a

presença do Espírito Santo, precisamos antes de tudo tomar tempo para estar a sós com Deus no estudo pessoal de Sua Palavra, em meditação, exame e oração. Spurgeon diz que se não orardes sobre vosso trabalho, “a Majestade divina pode possivelmente Se dignar de conceder uma bênção, mas não tendes o direito de esperá-la, e, se vier, não vos trará conforto ao coração.” — *Lectures*, pág. 44.

Num sentido real, a utilidade do pastor dependerá, acima de tudo, desses momentos de comunhão com Deus. Quanto mais tempo o pastor despender sobre os joelhos, em estudo da Bíblia, exame e aperfeiçoamento próprios, menos tempo terá que gastar consertando a máquina da igreja, lixando os seus problemas. Spurgeon disse ainda:

“Entre todas as influências formadoras que fazem um homem honrado por Deus no ministério, nenhuma conheço mais poderosa que sua intimidade com o trono da Misericórdia.” — *Idem*, pág. 41.

Como ministros e pastores, precisamos lembrar sempre a necessidade de nossa própria alma. “‘Tem cuidado de ti mesmo’, diz Baxter, ‘pois o inimigo tem o olhar posto sobre ti. ... Sábio e letrado quanto fores, tem cuidado de ti mesmo, para que ele te não sobrepuje.’” — *Idem*, pág. 22.

Lembremos que Deus jamais salvará qualquer de nós por sermos pregadores, mas por sermos homens justificados e santificados, e conseqüentemente fiéis à causa de nosso Mestre. O motivo de nós, ministros, precisarmos orar não é o sermos ministros, mas o sermos pobres criaturas necessitadas, inteiramente dependentes da maravilhosa graça de Deus.

Precisamos examinar-nos diligentemente, não aconteça pregarmos aos outros e nós mesmos virmos a ser lançados fora. Não podemos manter aceso o fogo de nosso próprio coração, a menos que dia a dia o reavivemos no altar de Deus. Para isto convida à solitária meditação, estudo e oração. O programa do ministro deve, acima de tudo, reservar uma porção de cada dia para ser preenchida com o alimento da própria alma. “Tem cuidado (primeiro) de ti mesmo.”

Na consideração do repouso e relaxação, estamos ainda tratando com o que é imperativo e essencial no programa do ministro. Esta necessidade não pode ser desprezada, se queremos que nossa obra seja eficiente e aceitável.

Diz a irmã White em *Obreiros Evangélicos*:

“Alguns de nossos ministros acham que precisam de realizar cada dia qualquer trabalho que possam relatar para a Associação. E, em resultado de buscar fazê-lo, seus esforços são muitas vezes débeis e ineficientes. Eles devem ter períodos de repouso, de inteira libertação de trabalho esforçado.” — Pág. 237.

A Seus apóstolos Jesus disse: “Vinde vós, aqui à parte... e repousai um pouco.” (S. Mar. 6:31.) A nós, é-nos dito:

“As compassivas palavras de Cristo se dirigem a Seus obreiros hoje em dia, da mesma maneira que aos discípulos. ... Não é sábio estar sempre sob a tensão do trabalho ou excitação, mesmo no ministrar às necessidades espirituais dos homens; pois assim a piedade pessoal é negligenciada, e a resistência mental, física e espiritual é sobrecarregada. ...

“Deus é misericordioso, cheio de compaixão, razoável em Suas exigências. ... Ele não nos pede que sigamos uma maneira de proceder que dará em resultado a perda de nossa saúde física, ou o enfraquecimento das faculdades mentais. Ele não quer que trabalhem sob pressão ou tensão até ficarmos exaustos, com prostração nervosa. Há necessidade de que os escolhidos obreiros de Deus escutem a ordem de sair à parte e descansar um pouco.” — *Idem*, págs. 240-242.

Como temos notado, “Eles (os ministros) devem ter períodos de repouso, de inteira libertação de trabalho esforçado.” A sentença seguinte reza: “Esses períodos, porém, não podem tomar o lugar do exercício físico diário. Pregar, visitar e administrar às variadas necessidades que surgem é trabalho exaustivo, quando feito fiel, conscienciosamente e bem. Produz tensão mental e fadiga. O exercício físico leva o sangue do cérebro a outras partes do corpo, estimulando a circulação e ajudando a digestão, e produz muitas outras bênçãos para o bem da saúde. Revigora e refrigera, ajuda a dormir melhor à noite e a produzir mais trabalho útil durante o dia. O exercício diário faz parte de nossa atividade. É essencial para um ministério bem-sucedido.

“Irmãos, quando dedicais tempo a cultivar vosso jardim, adquirindo por esta forma o exercício necessário para manter o organismo em bom funcionamento, estais fazendo a obra de

Deus como ao dirigir reuniões.” — *Idem*.

Uma afirmação ainda mais enfática encontra-se em *Evangelismo*, pág. 661:

“É uma positiva necessidade para a saúde física e clareza mental fazer trabalho manual durante o dia.”

O problema agora está em como melhor podemos organizar nosso trabalho, de modo a que esses seis pontos essenciais sejam postos no seu devido lugar. Devemos examinar nossa obra e organizá-la de maneira tal que nosso ministério represente um programa bem balanceado, em vez de um frenético esforço para mantermos em dia com as responsabilidades mediante contato rápido e muitas vezes uma aproximação fútil e frustrada. É possível gastarmos mais pela inquietação, ao assim procedermos, do que pela própria execução do trabalho.

Sem dúvida, não podemos seguir todos o mesmo programa; nossa obra é demasiado variada, e as constituições físicas diferem umas das outras. Recente (na época) artigo de revista dividiu os diferentes tipos de indivíduos em três categorias:

1ª Os que começam pela manhã “como um furacão”, mas à tarde estão “exaustos”.

2ª Os que acham difícil erguer-se pela manhã, começam lentamente, mas à tarde aquecem e trabalham até a metade da noite.

3ª Os que começam bem, afrouxam lentamente ao meio-dia, tiram talvez uma sesta após o almoço, e estão em forma de novo à tarde.

Reconhecendo que somos diferentes e que nossos programas variarão, cada qual deve, portanto, *ter* o seu programa. Algum dia seremos chamados a dar contas da maneira em que usamos o tempo na obra de Deus. De Cristo é dito:

“Cristo não deu serviço mesquinho. Ele não mediu Seu trabalho por horas. Seu tempo, coração, alma e forças foram dados ao serviço em favor da humanidade. Durante os dias cansados, lidava, e através das longas noites curvava-Se em oração, em busca de graça e resistência para que pudesse realizar uma obra maior.” — *Obreiros Evangélicos*, pág. 289.

“Os que estudam a maneira de dar o menos possível de sua energia física, mental e moral, não são os obreiros sobre quem Ele pode derramar abundantes bênçãos.” — *Idem*, págs. 298 e 299.